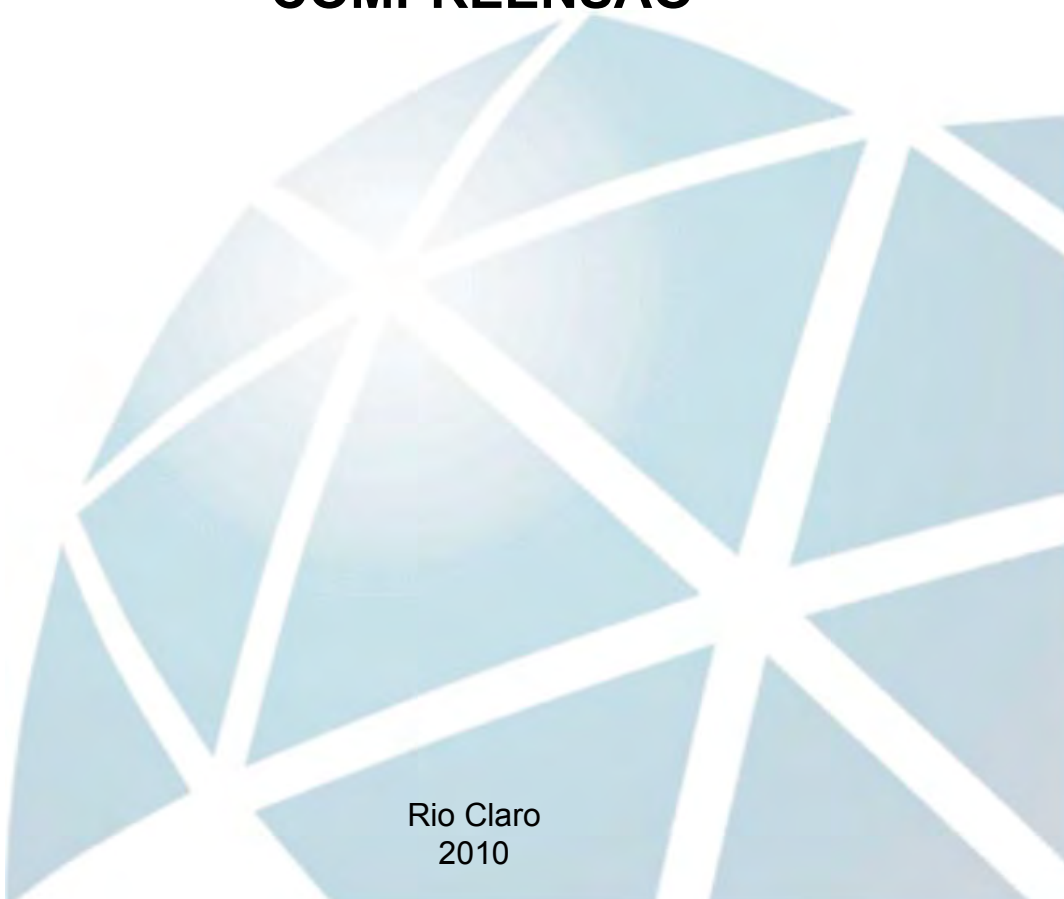

LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

AMANDA GABRIELE MILANI

**A CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA DE UM
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A
HISTÓRIA DE VIDA COMO MEIO DE
COMPREENSÃO**



Rio Claro
2010

AMANDA GABRIELE MILANI

A CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA DE UM PROFESSOR DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A HISTÓRIA DE VIDA COMO MEIO
DE COMPREENSÃO

Orientador: Suraya Cristina Darido

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Campus de Rio Claro, para obtenção do grau
de graduado em Licenciatura Plena em
Educação Física.

Rio Claro
2010

796.07 Milani, Amanda Gabriele
M637c A concepção pedagógica de um professor de Educação Física: a história de vida como meio de compreensão / Amanda Gabriele Milani. - Rio Claro : [s.n.], 2010
74 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Suraya Cristina Darido

1. Educação física - Estudo e ensino. 2. Educação física escolar. I. Título.

Dedico este trabalho a minha mãe que é a pessoa a quem eu devo tudo em minha vida, e a todos que acreditam na Educação Física Escolar de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar sempre presente comigo, me guiando e me acalmando nas horas de minhas angústias. Agradeço também por ele colocar pessoas tão especiais em minha vida que me proporcionam momentos de grandes alegrias. Agradeço pelas adversidades que algumas vezes foram colocadas, essas me proporcionam grandes reflexões e aprendizados. Obrigada Senhor!

Agradeço a pessoa mais importante para mim, que me proporcionou essa oportunidade de crescimento pessoal e profissional. Minha mãe Elaine, é meu grande exemplo de força e independência. Ela é linda, é minha gata. Agradeço por todos os carinhos, por todas as cartinhas vindas com os presentes, agradeço por todos os presentes recebidos, por todas as mordomias quando eu chegava em Araraquara, por todas as comidas deliciosas. Principalmente por me trazer de volta a realidade quando eu estava deslumbrada com o mundo, por sempre confiar em mim e me defender a ferro e fogo, por me querer bem e me amar. MÃE EU TE AMO!!! MUITO OBRIGADA POR TER ME DADO ESSA OPORTUNIDADE, eu devo tudo que sou a você.

Agradeço a minha família querida, que sempre me apoiou em minhas decisões e sempre está pronta para ajudar e defender qualquer um de seus membros. Minha avó Irene por sempre rezar e cuidar de mim do jeito que só avó sabe fazer. Meu tio Berto com seu jeito simples e robusto sempre está ao meu lado e nunca mede esforços para me ajudar. Meu Tio Papa (Toninho) por sempre me tratar como sua filha desde pequena e me socorrer em tudo, seja quando eu estou doente, para me buscar nas baladas, me ajudar quando meu carro quebra!Rs Tio você é d+, você é muito importante para mim, sou muito grata por tudo!!! A minha tia Guará que é Linda, e sempre vai ser, por sempre me incluir na sua família e me divertir com suas loucuras. Minha tia Cristina que também é minha madrinha, por seu capricho e cuidado sempre, pelas refeições antes do cursinho e Melusa, por resolver todas as questões burocráticas que não tem quem faça melhor, pelo comparecimento em todos os momentos importantes, tia eu Amo você!!! Me desculpa pelas magoas causadas, te espero na formatura hein! A minha Tia Patrícia pelo cuidado de quando eu era criança por deixar eu utilizar a sua casa na época do cursinho. A minha Tia Fama pela sua alegria e irreverência e também sempre estar ao meu lado. Ao Mimó meu padrinho por ser meu exemplo em atividade física, e sempre se interessar pela minha faculdade. Aos meus tios Alexandre e Éder por todas vezes que me ajudaram e pelo carinho que sentem por mim, saibam que eu gosto muito de vocês. A todos os meus primos e primas por todos os momentos de alegrias e de

brigas que tivemos em todos esses tempos. Helen e Camila tenho muito orgulho de vocês, é muito bom conquistar esse diploma sabendo que vocês também terão o seus. Lindas muito obrigada pela infância maravilhosa que tivemos juntas. Agradeço aos meus avós paternos por todo carinho e acolhimento dado, gostaria muito que vocês tivessem aqui presentes, a falta de vocês torna a vida mais difícil. Agradeço ao Fofó (pai) por todos os conselhos e carinho dado. Agradeço a Tia Tuca pelo melhor acolhimento que eu poderia ter recebido. Ao meus irmãos Thaise e Cosme, mesmo com o pouco contato eu lhes quero muito bem, estarei sempre com vocês. Ao Vitor Hugo meu irmãozinho que eu sou extremamente apaixonada, que é uma criança linda e inteligente, mesmo ele não me apoiando na decisão de eu ser professora, RS. Aos meus tios Sueli e Junior que foram a minha maior inspiração de esforço e dedicação, graças ao exemplo de vocês passei almejar uma universidade, e aqui estou concluindo o meu sonho. Ao meu primo André que conversou comigo várias vezes no MSN quando eu estava sozinha em Rio Claro. As minhas tias IA, GÊ e Honório por sempre se preocuparem comigo e com a faculdade.

As minhas amigas de colégio Gabi e Aline por enfrentaram a barra do vestibular ao meu lado e tornarem esse período mais fácil. As minhas amigas de cursinho Mariana, Emi, Beta, Bia, Lucão, Yuri, Ju, a Paulinha também, gente não me arrependo em nenhum momento de ter feito cursinho!!!!Eu adorei ter conhecido todos vocês, sinto muita saudades daqueles tempos, Má como eu sinto sua falta!!!Gosto tanto de você querida. As minhas vizinhas e amigas Bruna, Carina e Mariana, também enfrentamos toda essa fase juntas, obrigada. A Nayara e Michele que mesmo não presente nessa etapa da minha vida, serão minhas eternas amigas, pessoas que jamais esquecerei. Ao Danilo também por ter ficado ao meu lado em um momento tão difícil que foi a época do vestibular.

A Suraya que mesmo antes de eu conhecê-la, com apenas uma palestra, fez com que eu à admirasse e optasse pelo curso de Educação Física oferecido pela UNESP de Rio Claro.

Os agradecimentos anteriores foram para as pessoas que fazem parte da minha vida antes do ingresso na Universidade, a partir desse momento tenho que agradecer as pessoas que permaneceram comigo durante esses quatro anos.

Não poderia deixar de começar pela Suraya! Minha orientadora querida, que está comigo nesses quatro anos. Que é meu exemplo de mulher profissional, de professora e de pessoa. Peça fundamental no meu processo de formação, que além de me orientar academicamente, também me orientou para a vida. Su muito obrigada por tudo, sou sua fã e grande admiradora.

Aos meus professores Samuel, Afonso, Sara, Cátia, Poliana, Raquel, Rosa Maria, Leila, Pelegrine, Luisinho, Fernanda e Osmar, pela grande contribuição dada a minha formação e pelo exemplo de bons profissionais.

Aos meus veteranos Heitor, Gigante, Dani Pelluque, Cintia, Baton, Batatinha, Nat Araras, pelos conselhos e trocas de experiências.

A todos os membros do LETPEF dos estudantes e dos professores pelo grande aprendizado.

Aos funcionárias da Universidade que estão sempre de prontidão para nos ajudar. Paulão obrigada por tudo, pela confiança e principalmente por apoiar sempre as Delider's. A todos do SAEP, em especial ao Odair. A todos os funcionários da Biblioteca, em especial a Regiane que está sempre tão alegre com seu humor sarcástico e ao Renan que esse ano se tornou um bom amigo. A todos da Cantina, Vanessa, Rogério, Teta e Rô valeu por tudo. Ao pessoal do RU. E as meninas da graduação Isabel e Patrícia muito obrigada por toda ajuda recebida.

Aos meus colegas de turma, LEF 2007, pela prazerosa convivência durante esse período. Destaco minhas amigas Sorriso, Angélica, Jú Brasil, Nat, Elisa, Fer, Imaira e os amigos Marcelo e Renato, vocês cada qual com sua singularidade deixaram tudo isso muito mais divertido. Helder e Ícaro obrigada pelas caronas até o centro.

Renatinho como eu gosto de você, preservo muito a nossa amizade, ano passado foi nosso ápice né!!! Foi muito bom ter te conhecido, você é meu AMIGO de verdade!!! Se cuida lindo, se não já sabe eu mordo mesmo!!!Rs

Marci, esse é pau para toda obra! Posso te dizer que vocês esteve presente nos grandes momentos, mesmo reclamando assumidamente estava ali independente da circunstância, lindo muito obrigada por ser meu amigo, AMIGO!

Agradeço a todo o pessoal da faculdade que também conviveram comigo durante esses anos, em especial a Larri, Quenia e Tauba da geografia, e ao Yuri Shu li que me ensinou que “uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa”. RS promessa cumprida.

5! 5,6,7,8. As DELIDER'S de todas as gerações, em especial a primeira que foi onde tudo começou, e a desse ano que foi simples mente sensacional. Meninas muito obrigada por fazerem parte desse grupo que eu tenho tanto amor e respeito. Adorei o convívio com todas vocês. DeeeeeeeeeeeeeeeeeLIDER'S *\0/*.

As meninas da Rep. Jaque tequila, por todo carinho e acolhimento dado nesses quatro anos, Carol, Amanda, Bia e Isa, todos os nossos momentos juntas foram muitíssimo gordos e prazerosos.

Ah chegou a hora de falar da minha republica tão amada: Rep. Delícia!!!!Não teria outro lugar para eu morar, afinal né!Rs, agradeço a todas as formações da Rep. desde 2007, o convívio com várias pessoas diferentes contribuiu muito para o meu desenvolvimento pessoal. Marigelma (gata tenho tanto orgulho de você, o importante é a gente sempre poder ter a opção!), Pri, Mister, Olívia, Alana(a bixete mais doce e alegre que eu conheci, gata adorei te conhecer, por favor tome cuidado!), Gabi (não nos abandona, gata!:() Amanda e Core sinto tanta a falta de vocês, até do Billy!!!Valeu por tudo. Arodi a mais linda de todas, muito obrigada pelos seus ensinamentos, pelo seu testemunho vivo de devoção, te quero muito bem amiga. Leilinha estou tão feliz com sua conquista no Mestra!!!Você toda LINDA, GA, DELÍICA, tem uma força incrível e muita dedicação, me espelho muito em você conterrânea linda. Gabi, GennnnTE essa pessoa louca, transtornada, que fez eu dar muitas risadas durante esses anos, ai gata mesmo você não sentindo saudades, eu sinto grande sauda sua! Ise minha amiga de quarto preferida!!!! Somos tão diferentes mas nos demos tão bem né gata, muito obrigada por tudo mineirinha louca. As outras amigas de quarto Mari e Raíssa adorei o convívio com vocês, eu juro que tento ser como vocês super disciplinadas e organizadas, mas vocês sabem que não funciona muito né! Obrigada lindas vocês duas são muito especiais.

Fer e Nat só de pensar que havíamos cogitado a hipótese de morarmos juntas no primeiro ano, né! Se soubéssemos que daria tão certo teríamos feito antes! Fer muito obrigada por esses dois anos de convívio, hoje eu sei que por trás dessa super armadura que você coloca vezes, tem uma Fernanda carinhosa, responsável e extremamente preocupada com os outros. Nat como você mesmo fala as nossas vidas sempre estão se cruzando durante esses quatros anos, eu não posso falar que te conheci melhor desse ano para cá, na verdade desde o primeiro ano que eu consigo ver a Natália Pereira de Souza, que é a Nátalia que eu gosto, com todas as nossas diferenças que algumas vezes já ficaram explícitas, sempre estamos ali, não muito juntas, mas nunca longe o suficiente para que nossas vidas não se cruzem. Esse ano foi demais gata.

Ju já são três anos juntas né gata, nossa foi como você disse na carta nem sei como seria sem você!Fiquei tão feliz com a carta ☺, a cada ano nossa amizade se fortalece, mesmo com todas as nossas diferenças apreendemos a nos respeitar, e pense eu peço autorização para você que é minha bixete!!!Rs adoro quando você me chama de Bixe, no começo era porque me fazia lembrar do passado, mas hoje sei que esse Bixe expressa muito carinho e respeito, gata estamos juntas mais um ano!!!

Enfim chegou à hora de falar da Jéssica, minha super veterana e AMIGA. Gata eu não sei se você tem idéia do tamanho da importância que você tem para mim! Uma menina que

não tem igual, é fora do real. Eu admiro a sua certeza, sua responsabilidade, sua competência, sua capacidade crítica, a maturidade com que você encarou a graduação e ao mesmo tempo, você consegue ser ainda uma menina alegre, espontânea, brincalhona. Gata você foi uma das pessoas que eu mais senti falta, sua ida para Campinas pode acreditar foi tão dura para mim quanto para você. Torço muito por você e pelo Novem. Alex de Castro e menino que dá orgulho esse viu! obrigada por tudo novem.

A minha melhor amiga da Faculdade, outra campineira: Imairinha. Gata eu posso te dizer com a maior certeza que a gente não vai perder contado. Você é como as minhas amigas Nayara e Michele não tem como eu te esquecer já está marcado, foram muitos momentos de convivência, foram muitas angustias reveladas, muitas risadas dadas, muitas loucuras feitas, muitas incertezas compartilhadas, muitos conhecimentos construídos, muito tempo de tce e trabalhos, muito tempo de estágio, muito tempo a toa, muitos filmes assistidos, algumas viagens sensacionais, algumas visitas a Araraquara e Campinas, algumas broncas dadas, vários gritos de alívio, várias baladas super animadas. Gata a gente fez muita coisa juntas, não tem como isso se perder! Eu te admiro muito e curti todos os momentos que estávamos juntas, MUITO OBRIGADA minha querida, eu te amo de verdade minha amiga.

RESUMO

A história da Educação Física Escolar (EFE) apresenta diversas questões que são interessantes de serem estudadas. Para compreensão do quadro atual dessa disciplina na escola é relevante analisar a sua história, pois esse quadro é consequência dos fatos passados. Na tentativa de atender o objetivo do trabalho o recorte feito foi a partir dos pontos relacionados com professor de Educação Física. Deste modo parte-se da formação inicial desse profissional, considerando que no Brasil são oferecidos dois tipos de formação, as ocorridas no modelo tradicional-esportivista e as que apresentam um currículo com caráter técnico científico. Acredita-se a formação inicial contribuí na constituição da concepção pedagógica do profissional em formação, porém não se pode desprezar as suas experiências anteriores essa formação e nem as experiências vividas no mercado de trabalho. Contudo o objetivo do trabalho é: a) identificar a concepção pedagógica de um professor de Educação Física Escolar e b) identificar quais foram os fatores determinantes para se chegar a essa concepção. Para realização da pesquisa utilizou-se a metodologia qualitativa do gênero história de vida. Essa metodologia permite a entrada no campo subjetivo das pessoas, uma vez que ela trabalha com as experiências dessas, nesse caso não há tanto um roteiro factual, porque as narrativas se fazem por meio de impressões, sentimentos e sonhos, o colaborador é objeto central do estudo, que nesse caso será um professor. A seleção do sujeito se fez com a utilização do critério do professor colaborador ser formado em uma Instituição de Ensino Superior Pública e estar atuando na rede de ensino, mas as características pessoais do professor que são bastante peculiares também contribuíram para a escolha. Os resultados foram divididos em três blocos- História de vida e a escolha da profissão; Sentidos da formação inicial; Contexto de trabalho- em relação ao primeiro bloco destaca-se uma infância rica de atividade física com e sem a companhia dos amigos, a escolha da profissão ocorreu através das experiências bem sucedidas que o professor colaborador vivenciou na escola e influenciado pelo ambiente que a Universidade proporciona este viu no curso de Educação Física oferecido pela Unesp a possibilidade de satisfazer seus desejos, cursar Educação Física e fazer parte do meio universitário daquela instituição. A respeito dos sentidos de sua formação, o professor considera que o currículo deveria ser mais diversificado. Ele reconhece que o corpo docente do curso é bastante forte, mas que como falha apresenta professores que não se envolvem no ensino, dedicam-se apenas nas pesquisas, durante o curso o professor sempre esteve associado ao projeto de extensão de anatomia e entre as disciplinas que ele mais gostava estão anatomia e fisiologia, porém ele também se

envolveu com projetos de extensão culturais como o da capoeira e danças folclóricas. A entrada no mercado de trabalho era bastante almejada pelo professor com a conclusão do processo de formação, apresentou diversas experiências no interior da escola e algumas em academias de ginásticas. O professor mostra-se hoje decepcionado com o trabalho no Estado, o desrespeito dos alunos, a falta de infra-estrutura e materiais o faz pensar em não trabalhar mais no Estado. Através das entrevistas pode-se perceber que o professor considera a Educação Física é uma disciplina escolar e ele gosta de trabalhar com as questões de qualidade de vida, conhecimento sobre o corpo, conhecimento anatômico do corpo, alimentação, desenvolvimento de uma consciência corporal. Contudo concluí-se que o professor apresenta uma Concepção de educação Física mais voltada para a saúde, esse fato pode estar associado a fato que durante sua graduação ficou muito evidente seu engajamento nas disciplinas e projetos na área biológica do curso.

Palavras- chaves: Concepção pedagógica; Educação Física escolar; história de vida; professor.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO -----	1
2 OBJETIVO-----	3
3 REVISÃO DE LITERATURA-----	4
3.1 Contexto da Educação Física na Atualidade-----	4
3.1.2 Formação do profissional de Educação Física-----	6
3.1.3 Abordagens da Educação Física-----	10
3.2 Ser Professor-----	23
3.2.1 Constituição do saber-----	26
3.2.2 Prática Pedagógica-----	28
3.2.3 Ciclo de vida -----	31
3.2.4 História de Vida-----	34
4 MATERIAIS E MÉTODOS-----	40
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO-----	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	60
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	62
8 ANEXOS-----	66

1 INTRODUÇÃO

A Educação brasileira é um tanto quando emblemática, decorre-se desse fato duas situações. A primeira corresponde à diversidade de temas para se pesquisar e a segunda é em meio a tantas opções é difícil escolher o que pesquisar.

Na Educação Física Escolar (EFE) essa situação também se reproduz, gerando esse mesmo dilema de pesquisa. A história dessa disciplina é marcada por pontos-chaves que direta ou indiretamente estão interligados. Para a compreensão do quadro atual da Educação Física na escola uma análise de sua história se faz relevante, pois esse quadro é consequência dos fatos passados.

Nesse sentido, apenas alguns pontos serão abordados, o recorte dessa história será feito a partir dos pontos relacionados com professor de Educação Física na escola. Deste modo parte-se da formação inicial desse profissional, na tentativa de compreensão de sua concepção de Educação Física Escolar e prática pedagógica.

Os currículos dos primeiros cursos de Formação desses professores se baseavam em uma perspectiva de formação tradicional-esportivista. Inicialmente a prática pedagógica dos professores era volta para a ginástica, posteriormente os esportes coletivos passou a ser o principal conteúdo a ser ensinado na Educação Física, desse modo se consolidou uma hegemonia esportivista na escola. Darido (1999) aponta como característica dessas aulas a valorização dos alunos mais habilidosos, a centralização das aulas na figura do professor e correção dos gestos técnicos e mecânicos.

A tentativa de mudança desse quadro escolar ocorreu a partir dos anos 80, o momento de transformação social, pelo qual o Brasil passava (abertura política e redemocratização) e a abertura de cursos de mestrado para professores de Educação Física na área da Educação,

mobilizou estudiosos da área a pensar uma nova Educação Física na escola. Fundamentados em correntes teóricas da psicologia, sociologia, filosofia entre outras, acadêmicos da área propuseram diferentes abordagens pedagógicas para o ensino da Educação Física Escolar. Todas as abordagens apresentavam objetivos diferentes para a Educação Física, o único ponto em comum entre as abordagens era rompimento da hegemonia consolidada ligada ao esporte de rendimento.

O leque de possibilidades de trabalho com a Educação Física depois das abordagens tornou-se maior, desse modo criou-se formas para entender a Educação Física de formas diferentes, dificultando o desenvolvimento de um consenso do real papel dessa disciplina na escola. A partir desse contexto plural surgiu a curiosidade de identificar qual é a concepção pedagógica de um professor que trabalha com essa disciplina na escola.

O fato se justifica, pois são os professores das escolas que ensinam a Educação Física para toda a sociedade e a Educação Física é ensinada de acordo com a concepção que os professores apresentam. A intenção não é culpá-los pela desvalorização da profissão ou pela alta inatividade física da população, ao contrário o objetivo é justamente compreender o processo da formação dessa concepção na vida do professor, identificando quais foram os principais fatores que influenciaram na constituição dessa concepção.

A Educação Física apresenta pesquisadores de referência sobre formação dos professores, saberes e prática decente, Souza Netto (2003; 2004), Molina Neto (1998), Borges(1998), Benites (2007), são alguns exemplos, porém ainda são poucos os trabalhos com história de vida dos professores. Por isso resolveu –se utilizar essa metodologia na identificação da concepção pedagógica de um professor de Educação Física Escolar.

Em busca de uma melhor compreensão do trabalho, a revisão de literatura será composta por duas partes, a primeira procura contextualizar a Educação Física Escolar, abordando a formação dos professores dessa área. A segunda apresenta uma discussão a respeito do *ser professor*, os saberes necessários e entender os conceitos sobre a prática pedagógica e concepção pedagógica.

2 OBJETIVO

A pesquisa tem como objetivos: a) identificar a concepção pedagógica de um professor de Educação Física Escolar; b) identificar quais foram os fatores determinantes para se chegar a essa concepção;

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Contextualização da Educação Física Escolar na atualidade.

Antes de contextualizar a Educação Física na escola, é preciso olhar para essa “nova escola”, identificando suas mudanças, seus atuais objetivos, para assim compreender a EFE nesse contexto.

O desenvolvimento das tecnologias e da ciência proporcionou as sociedades capitalistas novos arranjos sociais, políticos e econômicos. Essa nova conjuntura transforma a sociedade da indústria na sociedade da informação. O acesso à informação está cada vez mais rápido, assim como os meios de comunicação, porém a exclusão cultural continua a existir, e a desigualdade social tende a aumentar (LIBÂNEO, 2004).

Nessa perspectiva de sociedade a escola recebe novos desafios e funções, para Libâneo, resumidamente:

[...] a escola necessária para fazer frente a essas realidades é a que provê formação cultural e científica, que possibilita o contato com os alunos e a cultura, aquela cultura provida pela ciência, pela linguagem, pela técnica, pela estética e pela ética. Especialmente, uma escola de qualidade é aquela que inclui, uma escola contra a exclusão econômica, política, cultural, pedagógica (p.4, 2001).

O autor destaca ainda cinco objetivos básicos dessa nova realidade escolar, a responsabilidade da escola em desenvolver o domínios cognitivos, operacionais e sociais; fortificar a identidade cultural; preparar os alunos para o trabalho na sociedade informacional, tecnológica e comunicacional; oferecer a esses uma formação crítica para a cidadania e por fim desenvolver o trabalho com valores éticos e morais.

Na realidade social a escola, sobretudo a pública, ainda não aderiu a essa nova concepção descrita por Libâneo, o fato é que, a realidade atual da escola deixa muito a desejar. Os alunos

passam onze anos na escola e em todo esse tempo à escola continua apresentando pouco sentido para eles.

A Educação Física, como as outras disciplinas, deve se adaptar a esse novo aluno, que passa grande parte do seu tempo conectado. Mesmo assim a Educação Física, diferente das outras disciplinas, apresenta a maior aceitação dos alunos, Ferreira (2005) ao analisar a pesquisa de Lovisolo (1999), constata que a Educação Física é a primeira dentre as outras disciplinas em relação a gosto e prazer dos alunos, porém é a sétima em relação ao grau de importância.

Em seu estudo Darido (2004) também verificou que a Educação Física continua sendo a disciplina que os alunos de 5^a e 7^a do Ensino Fundamental e 1^o grau do Ensino Médio mais gostam. Entretanto a autora identificou uma diferença em relação ao grau de importância da disciplina para os alunos, para esses a Educação Física ocupa a 3^a, 4^a e 5^a posição.

O aumento dos índices em relação à importância, mesmo apresentando melhores resultados que os obtidos por Lovisolo demonstram uma desvalorização da disciplina, sendo está uma outra característica do contexto atual da Educação Física.

A falta de participação dos alunos nas aulas é outro fator presente na realidade das aulas. As séries iniciais de ensino participam das aulas de Educação Física, sem apresentar grandes resistências, de acordo com a pesquisa de Darido (2004) 89, 5% dos alunos de quinta série afirmaram participar sempre das aulas, os alunos da sétima apresentaram um índice referente a 86,2% e no Ensino Médio esse valor diminui para 57,1%.

Na mesma pesquisa, a autora buscou levantar o número de dispensas ocorridas aulas de Educação Física, quando e porque ocorre esse afastamento da aula. Como resultado a autora verificou que a maioria dos alunos das séries estudadas participam das aulas, ocorrendo uma diminuição da porcentagem de participação dos alunos do ensino Fundamental para o de Ensino Médio, ou seja, os alunos do Ensino Médio participam menos que os outros dois grupos de alunos.

Quanto ao número de dispensas, verificou-se que 20% dos alunos do antigo primeiro grau são dispensados, essa se justifica muitas vezes pela disciplina ser oferecida fora do horário da aula. Outro fator é as atividades realizadas na aula, que muitas vezes não despertam o interesse nos alunos, a valorização dos mais habilidosos também contribui para que os menos habilidosos se afastem da aula.

Considerando as questões apresentadas percebe-se que o desenvolvimento de um bom trabalho com a Educação Física na escola não é tão simples de ser realizado. As questões

referentes às más condições de trabalho, não atinge apenas a área de Educação Física, mas também todas as outras disciplinas.

Percebe-se que muitas vezes o professor é cúmplice dessa condição de trabalho, pois ele não cobra seus direitos junto à direção da escola, por exemplo, não requisita materiais esportivos, ou não zela por esses quando os têm.

Essa postura acrítica do professor pode ser justificada pela formação inicial - aquela que ocorre na graduação - que este recebeu, deste modo o capítulo a seguir, é referente a essa questão.

3.1.2 Formação do profissional de Educação Física

A reflexão a respeito da formação faz-se relevante, uma vez, que possibilita uma maior compreensão da atuação dos professores nas escolas. A Educação Física atualmente pertence ao conjunto das Licenciaturas e segue as mesmas diretrizes curriculares que estas, porém, Benites (2007) menciona que em alguns momentos a disciplina recebeu normativos específicos.

Em 1939 criam-se as Escolas de Educação Física do Estado de São Paulo e Escola Nacional de Educação Física na Universidade do Rio de Janeiro que foram as primeiras instituições de Educação Física civil, pois até então a Educação Física estava associada com a polícia militar. Nesse período foi decretada a incorporação da disciplina didática no currículo das “licenciaturas”, porém o decreto não se referia aos cursos de formação em Educação Física (BENITES, 2007; BORGES, 1998).

Uma possível justificativa decorre da Educação Física antigamente não pertencer ao rol das Licenciaturas. As questões referentes a essa área eram de responsabilidade da Divisão de Educação Física (DEF), que pertencia ao Ministério dos Negócios da Educação e da Saúde Pública. Segundo Borges (1998):

É nesse sentido que, para Faria Júnior (1987), a criação da DEF pode ser entendida como um fato marcante no processo de distanciamento da educação física das demais licenciaturas, uma vez que as questões relativas à educação física eram tratadas desvinculadamente em relação aos assuntos da educação de um modo geral (*apud* BORGES 1998, p. 25).

Apenas em 1969 o Conselho Federal de Educação (CEF) fixou as cargas horárias das disciplinas dos cursos de licenciatura em educação física através da Resolução nº 69/69 e o Parecer nº 894/69, no mesmo ano são fixadas pelo Parecer nº 672/69 às matérias pedagógicas comuns a todas as licenciaturas (BORGES, 1998).

Faria Júnior (1987) faz considerações relevantes a esse período:

Somente assim, com sete anos de atraso em relação à legislação (Parecer nº 292/62 do CEF) e com trinta (30) anos, de fato, em relação às demais licenciaturas, matérias pedagógicas como Didática, Prática de Ensino, Psicologia, etc., foram efetivamente incluídas nos currículos de Educação Física, aproximando a formação deste profissional da dos demais (*apud* BORGES, p.28, 1998).

A incorporação das matérias de cunho pedagógico como ressaltou Faria Júnior foi um momento importante para área, pois a aproximou das demais licenciaturas, porém o grande avanço ocorreu com a Resolução 03/87 que diferencia o profissional de Licenciatura (lecionar na escola) do profissional de Bacharelado (todos os campos, com exceção da escola).

Benites (2007) ao analisar o processo de formação profissional de Educação Física verifica a existência de dois tipos de formação desse profissional, a primeira caracterizada em uma perspectiva tradicional-esportivista e outra mais recente que apresenta um modelo de currículo técnico - científico.

Os professores formados na perspectiva da formação tradicional assemelhavam-se com treinadores, o trabalho realizado era voltado para o desenvolvimento da aptidão física, os professores apenas se preocupavam em formar atletas, não se importavam com as outras funções da escola. Por sua vez, mesmo com todos os avanços ocorridos na área acadêmica o modelo técnico - científico trouxe o legado da teoria versus a prática, resumidamente, o que se aprende com a teoria da universidade não corresponde com a prática na realidade.

Autores como Betti & Betti (1996) e Darido (1999) contrapõe esses dois tipos de formação. Os autores destacam que no currículo tradicional ou tradicional- esportivista, há uma ênfase nas disciplinas práticas, sendo as ligadas ao esporte as mais utilizadas, a teoria nesse contexto refere-se às aulas dadas em sala de aula, sendo mais utilizado nas Instituições particulares. Betti & Betti (1996) apontam que o conceito de prática na formação tradicional está pautado na pura execução e demonstração das habilidades técnicas e capacidades físicas do graduando.

O currículo científico considera a teoria norteadora de toda prática, para resolver os problemas de ensino é necessário ter um aporte teórico, e os professores estão envolvidos com a produção conhecimento. A prática nesse caso embute outro conceito o de “ensinar a ensinar” segundo Betti & Betti (1996) ou “aprender a ensinar” ao invés do “saber para ensinar” segundo Darido (1999).

A fundamentação teórica dos cursos pautados no modelo científico foi um avanço para formação inicial do professor. Porém, aliada a ela está o fato dessa fundamentação teórica apresentada pela Universidade não corresponder com a realidade vivenciada na prática. Para essa explicação Betti & Betti (1996) aponta o estudo de Darido (1995) que comprovou que os profissionais apresentam dificuldade em utilizar os conhecimentos aprendidos na universidade em sua prática pedagógica no ambiente escolar, esse conhecimento muitas vezes não se encaixa em um dado contexto, não podendo ser generalizado.

As mudanças ocorridas na prática dos professores formados no currículo científico foram investigadas por Darido (1995). A pesquisa realizada pela autora contou com a participação de sete professores formados por instituições públicas (Unesp e USP) esses professores apresentavam ou não titulação de pós-graduação. Dentre as modificações percebeu-se uma mudança no discurso referente à Educação Física que se mostrou com uma maior articulação, as abordagens pedagógicas da Educação Física foram citadas. Houve também, uma maior preocupação com a inclusão dos alunos nos aulas, a implantação do trabalho com a co-educação não apresentou muitos problemas. Os professores cobraram maiores providências da direção a respeito de materiais e espaços em relação aos professores com formação tradicional.

Os professores formados no currículo científico apresentaram alguns avanços em suas falas, porém continuaram com um ensino centralizador dando sempre a última palavra nas aulas, trabalhando apenas com os esportes e com a utilização de métodos menos eficazes, como disposição dos alunos em longas filas, para a prática das atividades (Darido, 1995).

As práticas pedagógicas de muitos professores mostraram-se ainda arraigadas nas características do currículo tradicional que também recebeu influências do período militarista, essas práticas não apresentam reflexão a respeito do papel social da Educação Física na escola e sociedade. Os próprios professores não sabem ou não reconhecem o papel da Educação Física e não têm consciência da importância da Educação Física para a sociedade.

Essa questão segundo Bracht (1996) relaciona-se ao fato da “tão propalada crise de identidade da área, que em muitos momentos foi entendida como resultado da falta da

definição do seu “objeto”, da falta de definição clara de qual sua especificidade (identidade no sentido de sua singularidade)” (p.23). Tal fato levou pesquisadores baseados em correntes da Educação a identificar um objeto de estudos para área, como consequência no início dos anos 80 passam a ser discutidas no cenário acadêmico as diversas Abordagens que apresentavam diferentes propostas de trabalho para a Educação Física na escola. Essas abordagens serão discutidas no próximo capítulo.

3.1.3 Abordagens da Educação Física Escolar

A partir da década de 1980, o momento de transformação social, pelo qual o Brasil passava (abertura política e redemocratização), a abertura de cursos de mestrado para professores de Educação Física na área da Educação - fortificando a aliança feita pela Educação Física e as Ciências Humanas-, principalmente a filosofia e psicologia contribuíram para elaboração das novas abordagens pedagógicas da Educação Física Escolar.

Temos como, exemplo as abordagens renovadoras: Desenvolvimentista, Crítico-superadora, Crítico-emancipatório, Construtivista, Sistêmica, Cultural, jogos Cooperativos, PCNs e Psicomotricidade. A discussão e a construção de novas propostas pedagógicas ocorridas teve como um de seus propósitos a ruptura com os modelos tecnicista, esportivista e biologista (DARIDO, 2003,p.3).

Far-se-á algumas considerações a respeito das abordagens Desenvolvimentista, Crítico-Superadora, Construtivista, Cultural e PCNs, para exemplificar como cada proposta foi apresentada, a intenção não é defender alguma abordagem e sim apresentá-las no contexto da Educação Física Escolar.

3.1.3.1 Abordagem Desenvolvimentista

A abordagem desenvolvimentista de Tani et al. (1988), parte do pressuposto que o movimento é o objeto de estudos da Educação Física, pois é por meio dele que o ser humano se relaciona com o outro, aprende sobre si mesmo, quem ele é, o que é capaz de fazer, e sobre o meio social em que vive.

O trabalho dessa abordagem tem como objetivo a busca de uma fundamentação teórica nos processos de crescimento, de desenvolvimento e de aprendizagem motora do desenvolvimento humano, a justificativa é de ser:

uma tentativa, portanto, de caracterizar a progressão normal no crescimento físico, no desenvolvimento fisiológico, motor, cognitivo e afetivo-social, na aprendizagem motora e, particularmente, nas interações destes processos em crianças desta faixa etária (quatro a quatorze anos) e, em função destas características, sugerir aspectos ou elementos relevantes para a estruturação da Educação Física Escolar (TANI et al, p. 02, 1988).

Os autores apresentam dois tipos de aprendizagem: aprendizagem **do movimento** e aprendizagem **através do movimento**. A aprendizagem do movimento é de exclusiva responsabilidade da Educação física, e a aprendizagem através do movimento pode ser utilizada por outras disciplinas, até mesmo como conteúdo interdisciplinar. De acordo com os autores:

Com a aprendizagem do movimento os escolares se capacitam a mover-se numa variedade de atividades motoras crescentemente complexas, próprias do seu estágio de desenvolvimento e devidamente inseridas no contexto sociocultural em que vivem. Aprender a mover-se envolve atividades como tentar, praticar, pensar, tomar decisões, avaliar, ousar e persistir.

A aprendizagem **através** do movimento, por sua vez, implica o uso do movimento como meio para alcançar um fim - fim não é necessariamente uma melhora na capacidade de mover-se (TANI, p. 317, 2008).

Nessa concepção o professor competente deve conhecer a seqüência de desenvolvimento de seus alunos e adequar as atividades para que estes tenham um melhor aproveitamento.

A abordagem Desenvolvimentista apresenta-se como mais uma possibilidade para a Educação Física Escolar, não tendo a pretensão de ser hegemônica no interior da área (TANI, 1988).

Bracht et. al, (1995) apresentam considerações a respeito das limitações que a abordagem citada apresenta. Para os autores a abordagem trata apenas da dimensão “micro” do ser humano, ou seja, natural/biológico, sem valorizar a construção histórica, social e cultural desse ser. Deste modo a prática pedagógica da EF se dá *“a partir de concepções acríticas de educação, tida como supostamente neutra política e socialmente”* (p.1998)

Outra crítica feita pelos autores é a relação existente entre movimento humano e cultura, sendo que não ocorre de uma maneira dialética, o qual seria o mais interessante, pois “o Homem é um ser da e para cultura, não se deixando a reduzir ao biológico que, por sua vez, só é o biológico humano se for também cultural” (p.197).

É interessante analisar as mudanças ocorridas com o passar do tempo, após vinte anos da publicação da Abordagem Desenvolvimentista, um dos autores da obra citada fez uma consideração referente à questão da cultura:

A AD reconhece que fálhou em não esclarecer que as habilidades motoras básicas e suas combinações podem ser muito bem desenvolvidas pelos escolares mediante o

seu envolvimento, por exemplo, em jogos de diferentes níveis de organização, dança e outras atividades próprias da **cultura** em que vivem, desde que adequadas ao seu estágio de desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo-social (grifo nosso)(GOTANI, p.325, 2008).

Bracht et al. (1995), julgam a abordagem estudada, como possuindo um caráter estrutural-funcionalista, pois os valores presentes são valores liberais, “além de uma concepção de educação conservadora, e uma de movimento humano que tende a enfatizar de forma o aspecto mecânico-motor deste” (p.197).

3.1.3.2 Abordagem Construtivista

Freire (1994) traz uma nova perspectiva para toda Educação de primeiro grau, porém apresenta uma ênfase maior para a disciplina da Educação Física. Sua proposta não é a solução de todos os problemas da Educação Física, mas é uma obra que apresenta reflexões importantes acerca da educação.

A crítica à educação da imobilização é um exemplo dessas reflexões apresentadas no trabalho. Essa crítica refere-se à imobilização que a escola exige da criança. O autor destaca que não há garantias que uma criança imobilizada aprenda melhor do que uma criança em liberdade, ele afirma com convicção que só “é possível aprender no espaço da liberdade” (FREIRE, p. 12, 1994).

Outra reflexão importante é o fato da escola não valorizar o mundo cultural infantil, disso Freire apresenta uma crítica aos professores de Educação Física que também não valorizam a cultura infantil de seus alunos em suas aulas.

As crianças são especialistas em brincadeiras e jogos, e esses são conteúdos da cultura corporal de movimento, então por que não valorizá-los? Freire afirma que o aprendizado tem que ser significativo para a criança caso contrário à aprendizagem será dificultada. Voltando para o universo infantil, atividades que envolvam fantasia, jogos e brincadeiras são significativos para as crianças, por isso devem ser valorizadas, essas atividades facilitam o trabalho do professor, pois garante o interesse e a motivação das crianças. Se o ambiente for significativo “o jogo, como qualquer outro recurso pedagógico, tem conseqüências importantes para o desenvolvimento da criança” (FREIRE, p. 12, 1994).

A imobilização das crianças não ocorre apenas nas escolas, as crianças desde a pré-escola estão sendo preparada para um ensino estático, cuja toda atenção da criança tem que ser focada na professora. A movimentação só é permitida em horários específicos.

A pré-escola é uma preparação para escola, visa o futuro, ou seja, é apenas uma etapa que a criança passa para ingressar na escola. Mas para Freire a pré-escola deveria atentar-se para o presente, e ele até sugere a mudança de nome da pré-escola para um outro que apresente a idéia de presente, nesse ponto ao mesmo tempo em que concordo com o autor, também discordo dele. Concordo no sentido que a pré-escola viva o presente, porém não acredito que a mudança de nome realmente seja necessária, como disse o que é necessário é a mudança de atitude das políticas educacionais da pré-escola.

Quando o autor refere-se à questão da pré-escola, ele cita no texto questões sociais, sendo essas a miséria física e moral de nosso país, crianças que não conseguem vagas em creches e são cuidadas pelos irmãos mais velhos ou parentes e amigos, a inserção da mulher no mercado de trabalho, para muitos pais creches e escolas são sinônimo de cuidado e alimentação. Ao mencionar esses fatos sociais, vejo a preocupação de Freire em atentar os leitores- professores de crianças- a esses fatos. Reconheço que o autor não apresenta uma questão aprofundada acerca dessas problemáticas, porém só de retratá-las em seu livro ele mostra-se como cidadão.

As informações contidas nos dois últimos parágrafos estão presentes no 1º capítulo, que por sua vez é bastante amplo. O papel da Educação Física no ensino infantil também é discutido nesse capítulo, e o autor deixa explícito que “não acredita na existência de padrões de movimento”, porque para isso ele também teria que acreditar na padronização do mundo. Freire constata a manifestação de esquemas motores, que são movimentos organizados e construídos por fatores biológicos, psicológicos e sociais (FREIRE, p. 22, 1994). Segundo o autor o especialista em Educação Física deverá ser um estudioso da ação corporal, mas para isso ele deve romper com conceitos clássicos, positivistas, e adotar uma postura crítica de análise.

Mas qual é o papel da Educação Física na escola? Freire aponta que ela deve atuar como qualquer outra disciplina; desenvolver as habilidades motoras, mas ter claro as conseqüências disso do ponto de vista cognitivo, social e afetivo. Deve também garantir que as ações físicas em conjunto com as ações lógico matemáticas sejam estruturadas adequadamente dentro e fora da escola pelas crianças.

E uma das tarefas da escola é prover fazer compreender, pois é necessário que o homem movimente-se, mas considerando seu desejo de compreender o mundo. “Compreender é uma forma mental de fazer que se faz acompanhar de consciência” (FREIRE, p. 27, 1994).

Freire afirma que os professores devem dar um instrumental mínimo as crianças que lhe possibilite reconhecer o próprio direito, e o dos outros, de ter uma vida justa e digna. “Que a criança por nossas mãos, se aproprie, ao menos, de pensamento e linguagem mais elaborados” (FREIRE, p. 38, 1994). Vejo nessa passagem, mesmo que indiretamente, um outro ato de cidadania, pois o autor chama novamente o leitor a uma reflexão, mas agora de seu papel social como professor, e ensinar a criança reconhecer seus direitos e o dos outros, é um ensino para a cidadania, pois um cidadão sabe reconhecer seus direitos e respeitar os de seus companheiros.

Ao mencionar que a cultura infantil deve ser aproveitada, nota-se com isso uma característica da abordagem construtivista, por isso Darido titula Freire como construtivista, mas em uma conversa com a mesma, ela comenta que Freire é muito maior que o construtivismo, pois por ele ser um estudioso ácido consegue fazer várias ligações entre diferentes autores.

Como já foi dito esse capítulo é bastante amplo e nele o autor além de abordar temas como surgimento da linguagem, os períodos de desenvolvimento segundo Piaget, a formação de símbolos, a criatividade do professor e o jogo de construção, Freire sugere também várias opções de brincadeiras e diferentes materiais para realiza-los. O autor cita o trabalho em grupo como forma de desenvolver a cooperação, que é um valor, identifique portanto nessa obra o que procuro, como já foi citado alguns aspectos relacionados à cidadania e agora questão do ensino de valores.

Contudo esse capítulo abrange temas que são pertinentes a primeira infância, e uma característica marcante é a preocupação com a valorização do conhecimento da cultura infantil. Mas esse conhecimento tem que ser adaptado a escola, por exemplo, o jogo como conteúdo da escola deve ser aquele que se inclui num projeto, que tem objetivos educacionais como qualquer outra atividade (FREIRE, 1994). Outro ponto muito importante é que a criança sempre tem que compreender o que faz.

O capítulo que se refere a escola de crianças de segunda infância começa com a questão: Quem deve dar aulas de Educação Física? Porque nessa etapa a criança tem apenas uma professora para todas as matérias, e os favoráveis que a disciplina de Educação Física seja ministrada pela própria professora de sala alegam que a inserção de um outro profissional acarretaria em uma fragmentação do conhecimento. Por outro lado os profissionais de Educação Física defendem que a disciplina seja ministrada por um profissional especializado em Educação Física. Freire argumenta que o mais importante é que a criança tenha a

disciplina independente de quem a ministra-la, desde quem der essas aulas tenha competência para isso. Discordo com o autor nesse ponto, porque acredito que são os profissionais de Educação Física que tem uma melhor formação para atuar nessa disciplina. Mas tenho que considerar que há muitos cursos que formam profissionais de Educação Física com baixa qualidade, porém os cursos de formação de pedagogos também não garantem profissionais qualificados, por isso acredito que esse é um mercado de atuação dos pedagogos da área de Educação Física.

Segundo Freire(1994) atividade corporal é a soma da atividade simbólica e o mundo concreto, e para que a criança tenha um melhor desenvolvimento é necessário essa ligação entre mundo concreto e atividade simbólica, pois dessa forma os conteúdos aprendidos serão significativos e a Educação Física é importante, porque a ligação da atividade simbólica e o mundo concreto ocorre através da atividade corporal.

Com a proposta de uma Educação de corpo inteiro Freire levanta uma questão sobre além de se educar através do, pelo ou para o movimento é importante também educar para o não movimentar-se, ou seja, é importante também que se ensine em Educação Física como aliviar as tensões, relaxar.

Freire entende que um dos principais objetivos da Educação Física na escola é estabelecer uma relação clara entre o ato e pensamento e entre a ação e compreensão, e uma das funções básicas é provocar um desequilíbrio no nível de conhecimento do aluno. O termo desequilíbrio é um termo utilizado por Piaget que é muito citado nessa obra. Freire menciona a importância do conceito de zona de desenvolvimento proximal criado por Vigotsky, “que seria a próxima zona de desenvolvimento que a criança vai atingir, cabendo ao professor facilitar o acesso a essa zona” (FREIRE, p. 135, 1994).

Freire não segue a linha da Educação Física da aprendizagem motora. Ele acredita em um ensino que seja significativo para a criança. A Educação Física deve promover a humanidade, valorizar o cultural, a liberdade, a compreensão e a consciência.

Assim como na abordagem passada Bracht et al (1996) publicou uma resenha a respeito da obra de João Batista Freire. Bracht et al, primeiro traz algumas informações a respeito do que eles acharam relevantes, para depois fazerem à crítica. Para não ficar repetitivo vou salientar apenas as críticas, pois o que é relevante para eles já foi discutido no nesse trabalho.

A primeira crítica apresentada é a falta de preocupação em abordar a relação escola e sociedade, Freire menciona algumas questões sociais, mas a discussão é precisa, vejo que não

é a proposta do trabalho enfatizar essas relações, Freire em alguns momentos deixa transparecer sua opinião a respeito da sociedade, um exemplo é a crítica feita ao governo que “a hipocrisia que se vê na nossa sociedade, é tão grande, que investe amplamente nessa expectativa (referindo-se a expectativa, que muitos pais tem de seus filhos não aprenderem muito na escola, mas de apenas serem cuidados e alimentados): negam-se aos pais condições dignas de trabalho que lhes permitam alimentar bem seu filhos, de modo que passam- pais e filhos- a depender do alimento que o estado lhes concede, obviamente em troca dos votos e anuência com a corrupção que, cada vez mais, se alastra”(FREIRE, p. 18, 1994).

Também é mencionado que Freire não discute os fatores histórico-políticos na relação escola/sociedade ao tratar do desenvolvimento infantil, falar da história do ensino infantil brasileiro e as mudanças políticas ocorridas neste, talvez se abordada, seria uma discussão que não teria muita ligação com a obra.

Os autores da resenha não vêem clareza em relação do que se trabalhar da cultura infantil, Freire não diz exatamente o que tem que ser trabalhado, porém ele apresenta um vasto repertório de atividades que podem ser utilizadas como modelos. Mas essas atividades da cultura infantil têm que ser adaptadas para escola, elas devem ser utilizadas com fins educativos e intencionais, essa é a diferença, o professor deve usá-las como meio para inserir o conteúdo da Educação Física.

Bracht et al (1996), concluem a resenha afirmando que Freire assume uma posição ingênua e conservadora, e que a Educação Física enquanto prática social, sua intervenção e inserção ficam a cargo do espontaneísmo, e também a proposta pedagógica não pode concebida sem um perspectiva política claramente definida.

3.1.3.3 Abordagem Crítico- Superadora

Essa abordagem foi escrita por um grupo de professores de Educação Física que intitularam-se de “Coletivo de Autores”. O Estudo feito pelo Coletivo de Autores considera as condições reais dos profissionais de Educação Física e apresentam que o trabalho realizado tem como objetivo auxiliar o professor no aprofundamento dos conhecimentos de Educação Física como área de estudos e campo de trabalho, mas isso deve ocorrer de uma forma autônoma.

As questões apresentadas nessa abordagem são teórico-metodológicas e tratam a Educação Física como uma matéria escolar, que tem como conteúdo a **cultura corporal**, faz parte desta os jogos, as danças, as ginásticas, as lutas, a capoeira, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros.

As questões metodológicas discutem preceitos básicos de uma estruturação escolar, como e o que é projeto político-pedagógico, concepção de um currículo ampliado, ciclos de escolarização; faz um histórico sobre a Educação Física Escolar, discute a organização dos conteúdos da cultura corporal em cada ciclo considerando o processo ensino-aprendizagem; e o livro se encerra com uma reflexão a respeito de como deve ocorrer o processo avaliativo do processo ensino-aprendizagem em Educação Física.

Os autores apresentam a existência de uma disputa de classes em nossa sociedade: **a) trabalhadora** que vive para sua sobrevivência e luta para tomar a direção da sociedade a fim de construir uma hegemonia popular; **b) classe proprietária** cujo objetivo é acúmulo de riquezas e manutenção do poder para consolidar sua hegemonia.

Os interesses dessas classes são antagônicos, e isso gera conflitos, esses conflitos dão origem às crises e essas possibilitam o surgimento de novas pedagogias. Entende-se por Pedagogia:

a teoria e método, constrói discursos, as explicações sobre a prática social e sobre a ação dos homens na sociedade, onde se dá a sua educação. Por isso a pedagogia teoriza sobre educação que é uma prática social em dado momento histórico (COLETIVO DE AUTORES, p. 25, 1992).

Os autores apresentam uma nova pedagogia para a Educação Física, é uma *“pedagogia emergente, que busca responder a determinados interesses de classe, denominada aqui de crítico-superadora”* (COLETIVO DE AUTORES, p. 25, 1992).

A reflexão pedagógica que essa abordagem traz tem algumas peculiaridades, Darido (2004) relata sobre estas “ela é diagnóstica porque pretende ler os dados da realidade, interpretá-los e emitir um juízo de valor. Este juízo é dependente da perspectiva de uma ética que representa os interesses de uma determinada classe social. Esta pedagogia é também considerada teleológica, pois busca uma direção, dependendo da perspectiva de classe de quem reflete” (p.14).

De acordo com o Coletivo de Autores é fundamental que todo educador tenha um projeto político-pedagógico definido, pois é a partir dele que sua prática será guiada. Esse

projeto “é político porque expressa uma intervenção em determinada direção e é pedagógico porque realiza uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade explicando suas determinações” (COLETIVO DE AUTORES, p. 25, 1992).

Segundo os autores:

é preciso que cada educador tenha bem claro: qual o projeto de sociedade e de homem que persegue? Quais os interesses de classe que defende? Quais os valores, a ética a moral que eleger para consolidar através de sua prática? Como articula suas aulas com este projeto maior de homem e de sociedade?(COLETIVO DE AUTORES, p. 27, 1992).

Sobre esse assunto o Coletivo de Autores apresenta uma discussão a respeito se a Educação Física no currículo escolar deve ser para o desenvolvimento da aptidão física ou uma reflexão sobre a cultura corporal. Com o decorrer da história os autores afirmam que os simpatizantes de uma Educação Física para o desenvolvimento da aptidão física, “tem contribuído historicamente para a defesa dos interesses da classe no poder, mantendo a estrutura da sociedade capitalista”. Por outro lado à reflexão sobre a cultura corporal mostra a importância do desenvolvimento da noção de historicidade da cultura corporal nos alunos, pois todo conteúdo dessa cultura do corpo foi construído pelo homem nos diferentes tempos históricos como forma de expressão corporal (COLETIVO DE AUTORES, p.36, 1992).

Essa perspectiva “contribui para a afirmação dos interesses de classe das camadas populares, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade substituindo individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos – a emancipação-, negando a dominação e submissão do homem pelo homem” (COLETIVO DE AUTORES, p. 40, 1992).

Os autores ressaltam que para transformação estrutural da sociedade os alunos primeiramente assumem uma identidade de classes e depois constroem uma consciência de classe para assim terem condições de se organizarem para lutar por uma transformação social. A respeito da cidadania os autores não explicitam tanto quanto a respeito dos valores, porém eles afirmam que cabe a escola “formar o cidadão crítico e consciente da realidade social em que vive para poder nela intervir de acordo com seus interesses de classe” (COLETIVO DE AUTORES, p. 36, 1992).

As propostas progressistas segundo Bracht (1999) procuram propiciar um esclarecimento crítico sobre a cultura corporal ou de movimento, para que os sujeitos possam

agir conscientes ou dotados de consciência crítica, de maneira autônoma e criticamente na esfera da cultura corporal ou de movimento e também agir de forma transformadora como cidadãos políticos. Mas para isso ocorrer o autor ressalta que o movimento humano tem que deixar de ser considerado puramente biológico e ser visto como um fenômeno histórico-cultural, isso apenas acontecerá quando as ciências sociais e humanas forem tomadas como referências.

Bracht(1999) ressalta as dificuldades que as pedagogias progressistas enfrentam no âmbito da Educação Física. Essas dificuldades referem-se a como implementar essas abordagens na escola e questões ligadas as bases epistemológicas das abordagens progressistas. Sobre a questão da implementação das propostas progressistas nas escolas, Bracht (1999) apresenta diferentes perspectivas de educação e o papel que a Educação Física assume nessas perspectivas no decorrer da história e conclui que:

a dimensão que a cultura corporal ou de movimento assume na vida do cidadão atualmente é tão significativa que a escola é chamada não a reproduzi-la simplesmente, mas a permitir que o indivíduo se aproprie dela criticamente, para poder efetivamente exercer sua cidadania. Introduzir os indivíduos no universo da cultura corporal ou de movimento de forma crítica é tarefa da escola e especificamente da EF(BRACHT, p. 12, 1999).

Segundo Bracht:

o desafio se amplia na medida em que essas mudanças ou permanências estão articuladas com as estruturas e os movimentos sócio-históricos mais amplos que são o alvo, em última instância, das pedagogias progressistas. Essas pedagogias se nutrem de um projeto alternativo de sociedade que precisa se afirmar diante do hoje hegemônico. Daí a importância de uma leitura adequada da realidade que possa se articular com um projeto alternativo realizável” (BRACHT, p. 14, 1999).

Darido (2004) a respeito da implementação da proposta crítico-superadora diz que apesar dos esforços pouco tem sido feito para implementação das idéias críticas nas escolas, e cita Resende (1994) que afirma “(...) os que defendem os pressupostos da perspectiva dialética ou histórico crítica ainda não deram contribuições relevantes no sentido da elaboração didático-pedagógica, de modo a subsidiar a prática educativa” (RESENDE, p.34, 1994).

A perspectiva crítico-superadora trouxe grandes contribuições para Educação física, contudo foi mostrado que muito ainda precisa ser feito a respeito de como utilizar essa abordagem como prática pedagógica. A questão do ensino de valores está muito enraizada

nessa abordagem, e vejo esse fato como um grande avanço para a Educação Física escolar, pois com isso aproxima a sociedade da escola.

3.1.3.4 Abordagem dos PCNs

Os Parâmetros Curriculares Nacionais buscaram sua inspiração na Europa, mais especificamente na Espanha. E tem por finalidade auxiliar a elaboração ou a versão curricular dos Estados e Municípios, fazendo uma ponte com as experiências já existentes, estimulando a reflexão no interior das escolas, servir de material de reflexão para a prática pedagógica dos professores e auxiliar na elaboração de projetos educacionais (PCNs, 1998).

A cidadania é um dos temas abordados nos PCNs uma vez que a cultura corporal é direito do cidadão. No documento é enfatizado que por meio de temas discutidos e relacionados com os assuntos pertinentes a cultura corporal de movimento é possível despertar nos alunos uma consciência cidadã.

De acordo com o documento:

A educação Física escolar é uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (BRASIL, p. 29, 1998).

Os princípios da inclusão e da diversidade foram avanços trazidos pelos PCNs (1998) para a dinâmica escolar. Em uma sociedade plural e multicultural como o Brasil esses princípios são fundamentais para manter uma sociedade respeitosa e democrática a todos.

Outro importante tema abordado nos PCNs é a questão das dimensões dos conteúdos. A dimensão procedimental trata dos procedimentos por meio da vivência que podem ser utilizados para atingir certos conteúdos da cultura corporal. A dimensão conceitual refere-se, no qual estão relacionadas com o conhecimento das transformações sociais, a história e as mudanças ocorridas na Educação Física e nos esportes, conhecer a maneira correta de

execução de exercícios e práticas corporais e a dimensão atitudinal aborda a questão dos valores, como eles são e podem ser relacionados com as aulas de Educação Física (DARIDO & RANGEL, 2005).

Em sua análise sobre os PCNs, Valdanha Netto (2006) afirma que:

Os PCNs acreditam que eleger a cidadania como eixo norteador significa entender que a educação física na escola é responsável pela formação de alunos que sejam capazes de participar de atividades corporais, adotando atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade (VALDANHA NETTO, 2006).

Os temas transversais também são apresentados como uma nova perspectiva para a escola em buscar soluções para os principais problemas da sociedade de forma transdisciplinar. Fazem parte dos temas transversais: a ética, a pluralidade cultural, orientação sexual, trabalho e consumo, saúde e meio ambiente. A Ética é um valor estimado em muitas sociedades e é um dos temas transversal presente nos PCNs (BRASIL, 1998), na qual se quer ressaltar a possibilidade de construir formas operacionais de praticar e refletir sobre esses valores, a partir da constatação de que apenas a prática das atividades e o discurso verbal do professor resultam insuficientes na sua transmissão e incorporação pelo estudante.

O respeito mútuo, a justiça, a dignidade e a solidariedade podem, portanto, ser exercidos dentro de contextos significativos, estabelecidos em muitos casos de maneira autônoma pelos próprios participantes, para além de valores éticos tomados como referência de conduta e relacionamento, tornar-se procedimentos concretos a serem exercidos e cultivados nas práticas da cultura corporal, tanto no ambiente escolar quanto nos momentos de lazer e diversão com a família e amigos (PCNs/ BRASIL, 1998).

Sem dúvida os PCNs (1998) é o documento que entre todas as abordagens da Educação Física Escolar, retrata abertamente a preocupação com a formação do cidadão, uma vez que baseia-se na cidadania como eixo norteador para orientar a prática dos professores. Frente ao momento histórico ao qual foi escrito ele mostra-se como um reflexo das tendências críticas anteriores em se trabalhar com a formação da cidadania nas aulas de Educação Física. Isso é considerado um avanço dentro do próprio corpo acadêmico da área, pois através das diferentes abordagens pode-se perceber o quanto às concepções de Educação Física eram divergentes, contudo vê-se na cidadania e na cultura corporal elementos de convergência entre os teóricos da área.

3.1.3.5 Abordagem Cultural

A abordagem Cultural também é conhecida como Plural, ao contrário das abordagens anteriores, o corpo é visto como uma representação da cultura presente na sociedade que ele está inserido. Daolio (1995) autor dessa abordagem destaca que:

o conjunto de posturas e movimentos corporais representa valores e princípios culturais. Conseqüentemente, atuar no corpo implica atuar na sociedade na qual esse corpo está inserido. Todas as práticas institucionais que envolvem o corpo humano – e a Educação Física faz parte delas-, sejam elas educativas, recreativas, reabilitadoras ou expressivas, devem ser pensadas nesse contexto, a fim de que não se conceba sua realização de forma reducionista, mas se considere o homem sujeito da vida social (DAOLIO 1995, p.42).

Como foi visto a abordagem cultural reconhece o corpo como agente cultural e pertencente a uma sociedade, deste modo apresenta avanços em relação às abordagens já explicitadas, avanços no sentido de apresentar as principais características que foram criticadas nas outras tendências, a respeito do reducionismo biológico e da falta de relação com a sociedade.

Para a elaboração da obra Daolio (1995) teve como uma de suas referências a obra de Marcel Mauss que relata a importância das técnicas corporais culturalmente construídas e que são características em cada sociedade.

A educação segundo Mauss ocorre por meio da imitação “por parte das crianças, de atos que obtiveram êxito e que foram bem-sucedidos em pessoas que detêm prestígios e autoridade no grupo social” (apud Daolio, p.89).

Desse modo os gestos, os conceitos e valores são passados de geração em geração entre os indivíduos. Uma outra crítica que Daolio (1995) faz é referente à ambigüidade no papel da Educação Física na escola, que segundo o autor seu caráter diferencial, aleatório e extracurricular, é visto como um problema para muitos teóricos ao mesmo tempo que são por esses motivos que a disciplina é adorada pelos alunos, pais e direção.

Na mesma perspectiva de denuncia da visão tradicional presente nas práticas dos professores, está a questão de uma “educação corporal”, objetivando a inserção do indivíduo na sociedade apenas pelo adestramento físico, sem respeitar os limites de cada aluno. A valorização da bagagem dos alunos deve ser mais utilizada uma vez que toda técnica é

cultural, “e fruto de aprendizagem específica de uma determinada sociedade, num determinado momento histórico” (p.94).

A busca da superação entre o distanciamento do discurso e da prática poderá ser alcançada quando conseguir penetrar no universo de representações dos professores e decifrar os significados de sua prática, a fim de chegar aos níveis dos seus comportamentos corporais (DAOLIO, 1995).

Como proposta para Educação Física Escolar o autor utiliza-se do princípio da alteridade, como forma de instrumentalização para um novo olhar para a Educação Física Escolar. Com o auxílio Antropologia o autor aposta em uma Educação Física Plural, a fim de valorizar as diferenças, e que através dessas o indivíduo passa a ser visto como igual. “Porque os homens são iguais justamente pela expressão de suas diferenças”(DAOLIO, p.100, 1995).

Após essa exemplificação das propostas apresentadas pelas abordagens citadas, cuja intenção foi esboçar um pouco do contexto da Educação Física Escolar no meio acadêmico da área. Nesse momento, o trabalho dirige-se para uma outra etapa cuja finalidade refere-se a compreensão do “ser professor”, o que se entende por essa profissão, quais os seus saberes e no que caracteriza a prática pedagógica.

3.2. SER PROFESSOR

De um modo geral, as pessoas durante seu processo escolar, são acompanhadas pela figura de um indivíduo que lhes orienta que lhes ensina que muitas vezes assiste todo seu processo de desenvolvimento, que conhece sua família e que lhes causam boas ou más lembranças. Essa figura no ensino infantil é chamada de “tia/ tio”, no Ensino Fundamental e Médio dona/ fessor(a)/ sor(a), pelo nome ou de Professor! O professor é parte fundamental no processo ensino-aprendizagem, ele faz a ponte entre o aluno e o conhecimento, através de seu ensino muitas vidas foram e serão mudadas, a cada aula novas possibilidades podem surgir na vida do aluno, nesse momento a atenção volta-se para esse elemento chave tão importante no meio social que é o professor.

Nunes (2001) aponta que as pesquisas referentes aos professores surgiram no cenário internacional, onde os enfoques eram para formação desse profissional e seus saberes, a metodologia de histórias de vidas era utilizada como método para essas pesquisas. Esse

processo é bastante recente, data a década de 80, mas a arte de ensinar é muito anterior a esse fato, sendo as corporações de ofícios os primeiros espaços de formação.

O processo de ensino construiu a história do ser Professor durante os séculos até se chegar à profissionalização docente. As corporações de ofício e a escolas de ofício foram “espaços de formação”, que segundo Silva (p. 26, 2009) compreendiam a “arte como um dever a ser cumprido, e as escolas de ofício como a maneira pela qual a arte era ensinada por meio de um saber tácito e explícito, advindo da experiência, na expectativa de que o domínio dessa arte torne-se um ofício”. Souza Neto (2005, *apud Silva*) entende ofício como “certo saber” fazer àqueles que comungam do mesmo conjunto de conhecimentos e habilidades, e são capazes de reproduzir certos objetos e/ou objetivos com base nos mesmos ideais” (p.250).

Autores como Pintassilgo e Costa Rico (1999) comparam o ofício de um docente como o de um artesão, isso porque para o primeiro autor o professor apresenta características das artes liberais que eram aquelas relacionadas ao intelecto e pensamento, já Costa Rico aproxima a trabalho docente das artes mecânicas cujos movimentos manuais eram determinantes para a realização de algo correto (*apud SILVA, 2009*).

Silva (1999) afirma que as artes liberais adquiriram status de profissão, enquanto as artes mecânicas continuaram como ofício, porém em ambas era necessário que os integrantes professassem um juramento solene do cumprimento dos compromissos assumidos. Após uma revisão a respeito do conceito de profissão Silva concluiu que profissão é uma:

[...] ocupação temporalmente e socialmente estruturada, legitimada pela sociedade que é exercida; possuindo um corpo de conhecimento denso e específico, um local ou objeto próprio de trabalho, bem como um código de ética, que consiste em um controle do exercício e estrutura da profissão por parte dos pares (p.38, 1999).

Contreras (2002) entende que a profissão como algo homogêneo maior que a sobreposição de certas características, utiliza como referência o conceito de profissão empregado por Hoyle (1980).

A profissão de acordo com Hoyle é uma ocupação que realiza uma função social crucial. Para sua realização é necessário se ter certa destreza, e utilizá-la em diferentes situações uma vez essas nem sempre são as mesmas; além do conhecimento advindo da experiência faz-se necessário um conjunto de conhecimentos sistemáticos que são adquiridos

em um período determinado pela instituição de educação superior, sendo socializados nesse mesmo período os valores da profissão que constituem um código de ética; cabe ao profissional ter a liberdade e autonomia de realizar seus próprios juízos com respeito à prática apropriada. A categoria profissional deve atender as definições das políticas públicas referentes à sua especialidade; todo trabalho relativo a formação, responsabilidade e orientação estão necessariamente recompensadas com um alto prestígio e um alto nível de remuneração (apud Contreras, 2002).

Em relação ao profissionalismo docente Contreras (2002) faz uma grande reflexão, apontando o quanto esse tema é ambíguo, uma vez que procura se afastar do fenômeno da proletarização para que não haja à perda de qualidade em sua atividade de docência e também uma tentativa de se obter ou de não perder o status social como o de outras profissões consideradas de prestígio.

Deste modo o autor ao invés de utilizar o termo profissionalismo que carrega com seu uso as questões abordadas no parágrafo anterior opta por usar o termo profissionalidade que “refere às qualidades da prática profissional dos professores em função do que requer o trabalho educativo”, ainda complementa que também “expressa valores e pretensões que deseja alcançar e desenvolver nestas profissões”. A profissionalidade está pautada em três aspectos que compõem o trabalho de ensinar, são elas a obrigação moral, o compromisso com a comunidade e a competência profissional, estas orientam a prática docente e dependem de como o ensino é entendido (p.74).

Feito esse levantamento sobre os primeiros processos de ensino até se chegar a profissionalidade docente, o enfoque dado neste momento é inteiramente sobre a compreensão do que é ser professor.

O ser Professor se caracteriza em um processo identitário, segundo Nóvoa (1995) esse processo é caracterizado pela Adesão (adesão de valores, princípios e projetos), Acção (tomada de decisões de cunho profissional e pessoal) e Autoconsciência (reflexão sobre a própria acção), é uma identidade profissional que se forma.

Pimenta (2000, p.19) ressalta:

a identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições . Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas(...) Constrói-se também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, conferem à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, se seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de

suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor.

Na construção de sua identidade profissional e no processo de ensino o professor desenvolve habilidades que compõem o que se chama de “habitus”. Segundo Tardif et. al (1991), “habitus” são “disposições adquiridas na e pela prática real, ou personalidade profissional”, que expressam um saber-ser e um saber-fazer profissionais e pessoais, validados pelo trabalho cotidiano”(apud FONSECA, p.23, 1997).

Então a identidade profissional se cria a partir do meio social em que indivíduo está inserido e também como esse se relaciona com a profissão, através de seus valores, crenças, saberes, verdades, angustias etc. A partir dessa relação com a prática pedagógica é que o habitus é desenvolvido. Em conjunto com o “habitus” estão os saberes docentes e a prática pedagógica na constituição da identidade do professor, nesse sentido nos próximos capítulos far-se-á um breve levantamento sobre os saberes docentes e posteriormente sobre a prática pedagógica dos professores.

3.2.1 A constituição dos saberes

Maurice Tardif (2002) em uma simples definição do que é ser professor, afirma que mesmo parecendo banal, “professor é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros”, mas que saberes são esses que o professor tem a ensinar? Os saberes docentes são objetos de estudo de autores como o próprio Tardif (2000; 2002), Pimenta (2000), Nunes (2001), Almeida (2009), Souza Neto & Benites (2006), Silva (2009), entre outros.

Adota-se a mesma concepção de saber utilizada por Benites (2007), a autora compreende o saber de um modo amplo podendo se complementar ao conhecimento, neste caso todas as informações, habilidades referentes à profissão, valores, crenças, serão entendidos como saberes docentes.

De imediato Tardif (2002) coloca o saber docente como plural, no sentido de ser procedente do conhecimento adquirido durante a formação profissional, saberes esses disciplinares, curriculares e advindo das experiências tanto pessoal como profissional. Os saberes profissionais são aprendidos durante a formação profissional, são transmitidos pelas instituições durante a formação de professores.

Os saberes pedagógicos são aqueles embasados nas concepções teóricas e norteiam a prática pedagógica, estão articulados com as ciências da educação. Os saberes disciplinares também são definidos pelas instituições porém eles não têm relação com as faculdades de educação e nem com cursos de formação de professores, eles “emergem da tradição cultural e dos grupos sociais produtores de saberes”(p.38)

Os saberes curriculares designam o conjunto de conhecimentos que o professor deve saber aplicar na escola referente às metodologias, objetivos e conteúdos, de sua profissão. Por fim o saberes da experiência (ou prático) são desenvolvidos ao longo da prática profissional, são “saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e o conhecimento de seu meio”(p.39).

Pimenta (2000) compartilha da mesma concepção que Tardif (2002) a respeito dos saberes da experiência, porém a autora complementa, agrupando dentro desse saber os conhecimentos que o professor tem de sua experiência como aluno, dos conhecimentos que de um modo geral a sociedade sabe a respeito do ser professor. Um outro saber docente destacado pela autora é o conhecimento. Nele desenvolve a inteligência que é a maneira de utilizar esse conhecimento de forma útil a fim de um desenvolvimento humano, pois através da reflexão criam-se novas formas de existência humana.

Desse modo o professor é o responsável por contribuir e inserir os alunos nesse processo de humanização de modo coletivo e interdisciplinar por meio dos conhecimentos. Nesse sentido, a escola e os professores nessa era tecnológica, deve para Pimenta (p. 23, 2000): “possibilitar que os alunos trabalhem os conhecimentos científicos e tecnológicos, desenvolvendo habilidades para operá-los, revê-los e construí-los com sabedoria”.

A mesma autora considera o saber pedagógico como um saber docente, considerando que esse saber deve partir da experiência de prática docente do alunos, esse “saber-fazer” parte do próprio “fazer”. O saber pedagógico descrito pela autora aproxima-se muito do saber da experiência mencionado por Tardiff (2002). Para a autora:

O saber pedagógico é o saber que o professor constrói no cotidiano de seu trabalho e que fundamenta sua ação docente, ou seja, é o saber que possibilita ao professor interagir com seus alunos, na sala de aula, no contexto da escola onde atua (PIMENTA, p.43, 2000).

Para Tardif (2002):

Pode-se chamar de saberes experiências o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provêm das instituições de formação nem dos currículos. Estes saberes não se encontram sistematizados em doutrinas ou teorias. São saberes práticos (e não da prática: eles não se superpõe à prática para melhor conhecê-la, mas se integram a ela e dela são partes constituintes enquanto prática docente) e formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões (p.42).

Deste modo sabe-se que o saber que o professor adquire com a sua experiência é fundamental e norteador de sua prática pedagógica, porém esse ficará muito mais enriquecida com a utilização do conjunto de todos os saberes que os professores possuem. Assim, o próximo capítulo abordará as questões que circundam a prática pedagógica desses profissionais da educação.

3.2.2. Prática pedagógica

Viu-se no capítulo anterior que os saberes docentes constituí-se em um saber plural, sendo adquiridos durante toda vida do professor, antes mesmo da sua formação como tal. A prática pedagógica (educativa, ou docente) do professor também se configura de modo bastante diversificado, dependendo de fatores como, apoio da escola, valores do professor, boa relação com os alunos, infra-estrutura da escola, materiais disponíveis, entre outros, para ser realizada.

Com o auxílio de Pimenta (2000) pode-se entender a prática docente como expressão do saber pedagógico, norteador pela teoria e prática de modo reflexivo, ou seja, o professor enfrenta problemas em sua práxis e utiliza a teoria e criatividade para resolução desses. Ao considerar a prática docente como um trabalho, este se configura como uma prática social, uma vez que atua no ambiente escolar, considerando toda a sua organização e a organização do trabalho como modo de produção de um sistema social. A prática do professor envolve também transformação da realidade e a busca de um ideal a ser alcançado, porém estes dependem da habilidade e compromisso do professor com sua práxis.

A perspectiva de Zabala (1998) sobre a prática dos professores baseia-se em duas questões que são fundamentais para a realização da prática, a primeira relaciona-se com o

objetivo da educação e o porquê ensinar, a segunda refere-se ao como ensinar. Nesse sentido o autor:

Estas são as perguntas capitais. Sem elas nenhuma prática educativa se justifica. As finalidades, os propósitos, os objetivos gerais ou as intenções educacionais, ou como se queira chamar, constituem o ponto de partida primordial que determina, justifica e dá sentido à intervenção pedagógica (ZABALA, p. 21, 1998).

O mesmo entende a prática como “algo fluido, fugidio, difícil de limitar com coordenadas simples e, além do mais, complexa, já que nela se expressam múltiplos fatores, idéias, valores, hábitos pedagógicos, etc” (p. 16). Assim a prática educativa, modo como o autor nomeia a prática pedagógica, se mostra complexa, pois são vários os fatores que a configuram. Além desses fatores, o ensinar envolve dois processos que também são fundamentais na prática do professor, são eles: o planejamento e a avaliação.

A prática educativa para o autor é uma relação entre as matrizes teóricas (sociologia, psicologia e didática) que se configuram em um modelo teórico, que são métodos de forma padronizada, posteriores a este estão os condicionantes do contexto educativo, sendo formado pela seqüência de atividades; relações interativas; organização social; espaço e tempo; organização de conteúdos; materiais curriculares e critérios de avaliação. Os condicionantes dificultam a prática do professor, eles não devem ser considerados como únicos e principais, o autor aponta que é apenas uma tentativa de demonstrar “a globalidade do contexto educacional em que se desenvolve a prática educativa”(ZABALA, p. 23, 1998).

Direcionando a questão da prática pedagógica para Educação Física Fensterseifer (2009), considera a Educação Física como uma prática pedagógica normativa, no sentido de que suas verdades “devem ser” analisadas no presente, passado e futuro, a validação de seu conhecimento estabelece uma relação entre “sujeito-sujeito” não tendo apenas um sujeito (pesquisador) como foco único desse processo. Alguns trabalhos procuraram identificar no que consiste a prática pedagógica dos professores de Educação Física Escolar, dentre eles o de Darido (1999), Santos e Matos (2004), Fioravante e Simões (2005) e Rodrigues (2006).

Darido (1999) analisando sete professores formados em Universidades públicas cujo currículo era científico, verificou que os professores mostram-se com muita dificuldade de aplicar os conhecimentos adquiridos na graduação na prática profissional.

Santos e Matos (2004) procuram investigar se os professores conheciam e utilizavam a abordagens da Educação Física Escolar em sua prática pedagógica, foram analisados quatro

professores da rede municipal de Barueri. Como resultados os autores mostram que os professores conhecem as abordagens e se identificam com alguma, porém não sabem caracterizá-las. E alguns utilizam sim as abordagens como norteadoras da prática pedagógica.

Fiorante e Simões (2005) analisaram quatro professores que atuam na rede municipal de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, a observação das aulas era direcionada, e tinha como roteiro base os seguintes dados: processo de início das aulas, atividades desenvolvidas, gestos do professor, participação dos alunos, relação professor/aluno e formas de conduzir e finalizar a aula. Os resultados mostraram professores com práticas com características do esportivismo e militarismo, porém um professor apresentou uma relação bastante carinhosa com os alunos.

Rodrigues (2006) também constatou que as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física Escolar estão arraigadas no modelo tradicional- esportivista e tecnicista. Com isso as aulas mostram-se baseadas nos esportes tradicionais, o professor é como um técnico e há separação dos alunos por sexo etc.

Viu-se que são vários os fatores que orientam a prática pedagógica do professor, e que os professores de Educação Física ainda carregam em suas práticas características do modelo da formação tradicional. Muitos dos problemas enfrentados pelo professor em sua prática docente estão relacionados com a crise de identidade que a área enfrenta. As tendências surgiram como um dos objetivos de resolver essa questão, porém os avanços ocorridos com essas ainda estão longe de solucionar essa crise, os professores através de suas experiências e histórias de vida apresentam diferentes concepções sobre a Educação Física. Pimenta (2000) entende por concepção pedagógica como:

uma reflexão dialética da educação, que se manifesta por meio de uma práxis educacional no sentido de unidade, contradição, movimento e relação. O ato educativo deste modo tem como objetivo a busca da liberdade humana com a finalidade da própria emancipação humana (PIMENTA, p.62, 2000).

Necessariamente ao utilizar esse enfoque poderá acontecer que essa idéia de concepção pode ser vista como uma perspectiva daquilo que emana da prática pedagógica do professor. Deste modo o intuito do trabalho é identificar qual a concepção que o professor tem de Educação Física, entender como ele responde as clássicas perguntas, para que se aprender Educação Física na escola? Como ensinar? O que ensinar? Antes de atentar-se para essas questões é importante compreender como os professores de um modo geral se comportam ao

longo da carreira, quais as fases que ele vivencia até a chegada da aposentadoria, esse é será discutido no capítulo a seguir.

3.2.3 Ciclo de vida dos professores

Para o estudo do ciclo de vida dos professores utilizou-se a perspectiva da carreira, mas vale ressaltar que não é a única possibilidade. A abordagem da carreira analisa as seqüências que podem ocorrer na vida de um indivíduo ou diferentes indivíduos numa mesma profissão ou em profissões diferentes. De acordo com Huberman (1992), trata-se de estudar o percurso de uma organização ou mais organizações e assim de compreender como as características dessa pessoa exercem influência sobre a organização e são, ao mesmo tempo, influenciadas por ela. Os estudos nessa perspectiva reflete um recorte da maioria, mas nunca de sua totalidade, a seqüência não é rígida, ou seja, ela pode ocorrer de forma não linear, nem todas as pessoas passam pelos mesmos estágios da mesma maneira.

Entrada na Carreira

A entrada na carreira configura um leque de possibilidades de experiências que o professor pode vivenciar. De um modo geral a entrada na carreira é caracterizada pelo estágio da “sobrevivência” ou da “descoberta”.

Estágio de sobrevivência: esse estágio não é muito prazeroso para quem o vivencia, ele corresponde ao choque com o real, é marcado pelas dificuldades em lidar com os alunos problemas, dificuldades em aplicar o conhecimento aprendido na universidade, a realidade escolar que não apresenta infra-estrutura em boas condições de uso, há falta de material.

Estágio da descoberta: o professor se mostra mais animado em relação à docência, há um “entusiasmo inicial” por assumir a responsabilidade, de se ter uma turma por exemplo e se ver em uma profissão.

Segundo Huberman (1992), o estágio da descoberta ajuda o professor a superar o estágio da sobrevivência, pois estudos apontam que os dois estágios ocorrem em paralelo.

Estágio da exploração: pouca exploração do ambiente escolar, o professor trabalha com poucas turmas, não tem a possibilidade de assumir maiores responsabilidades e diferentes papéis dentro da instituição.

Fase de Estabilização

Na fase de estabilização os sentimentos de confiança e segurança aumentam. O professor identifica o seu modo de trabalhar com os alunos, sente-se com maior competência profissional, autoridade do professor passa a ser respeitada. O professor não tem medo de arriscar, há uma emancipação do professor.

Fase de Diversificação

Os professores nessa fase passam a diversificar suas aulas, os modos de avaliação, os planos de aula, o modo de trabalho do conteúdo. Eles se apresentam mais motivados, mais dinâmicos, se envolvem com as equipes pedagógicas. Essa motivação foi traduzida em maior ambição pessoal no estudo de Prick (1986) e também expressa um medo de cair na rotina (*apud* Huberam, 1992).

Pôr-se em Questão

Nessa fase os professores geralmente tomados pela rotina escolar questionam-se sem apresentar muita consciência do que realmente estão questionando. As causas que levam aos questionamentos são as mais variadas, podendo ser a “monotonia da vida cotidiana” na realidade escolar uma possível justificativa, ou as seguidas experiências de fracasso ocorridas durante a carreira. Geralmente ocorrem entre os 15^o e o 25^o anos de ensino, os fatores externos como apoio da instituição, família, contexto político e econômico, podem contribuir para o desenvolvimento desses questionamentos. Huberman (1992) aponta que não são todos os professores que podem vivenciar esse estágio.

Serenidade e Distanciamento Afetivo

A fase de questionamento pode ser atingida de diferentes maneiras, porém geralmente ela é conseqüência da fase de questionamentos. É caracterizada por uma grande sensação de confiança e serenidade, há uma recordação das ações passadas, porém professor se aceita com a pessoa que é, considera pouco as críticas recebidas, e ocorre um distanciamento afetivo em relação aos alunos.

Conservantismo e Lamentações

Os professores que se enquadram nesse estágio são pessoas com 50-60 anos geralmente, e queixam-se da atual realidade dos alunos, da atitude negativa com a educação, da política educacional, dos companheiros mais jovens. Empregam também um conservantismo em sua prática pedagógica e apresentam resistência a inovações, além de um sentimento de nostalgia em relação ao passado.

O Desinvestimento

Essa fase se localiza no final da carreira, os professores passam a se dedicar mais às questões pessoais do que a docência. Esse processo ocorre de modo positivo, não há lamentações. Ele é resultado da fase de serenidade e conservantismo.

Antes de enquadrar os professores em determinado estágio e mesmo entender porque foram tais estágios que estiveram presentes na carreira do professor deve-se conhecer os antecedentes do professor, conhecer trajetória de vida. Sabe-se que a história de vida do professor influencia diretamente em seu trabalho docente, sendo sua concepção pedagógica formulada muitas vezes por meio de suas crenças e valores, nesse sentido o próximo capítulo atenta-se com a questão da história de vida dos professores.

3.2.4 História de vida

A história de vida é o gênero da pesquisa da história oral mais utilizados nos últimos anos, o fator subjetivo é muito evidente nessa metodologia. As pesquisas qualitativas naturalmente apresentam essa característica de ser mais subjetiva do que objetiva, por analisar o indivíduo em seu meio social essa característica faz-se necessária, tornando-se um aspecto positivo desse tipo de pesquisa (MEIHY, 1996).

A história de vida busca compreender essa relação entre indivíduo e contexto por meio de narrativas sobre fatos da vida do sujeito pesquisado. O objetivo desse capítulo não é caracterizar a metodologia de história de vida, isso será realizado na descrição da metodologia. A intenção é apresentar como esse método está sendo utilizado nas pesquisas relacionadas com a educação, sobretudo na área da Educação Física, na busca de apontar seus avanços, peculiaridades e limites.

Nos últimos anos tem aumentado a utilização desse método nas pesquisas cujo professor é o foco principal. Nóvoa (1995) declara que mesmo com o crescente aumento da utilização das abordagens (auto) bibliográfica, sobretudo no final da década de 70, as abordagens de histórias de vida ainda são bastante criticadas. As críticas se baseiam em dois aspectos: o primeiro relacionado com a alegação de pouca consistência que esse método apresenta, “na ausência de validade científica ou nas dimensões analíticas implícitas”, e o segundo aspecto considera que as abordagens de história de vida, não atendem as lógicas sociais, estão muito direcionadas ao individualismo e não alcançam as mudanças sociais coletivas (p.19).

As críticas estão pautadas em uma perspectiva “normativa/prescritiva”, fundamentadas nas metodologias quantitativas positivistas. Não cabe essa comparação com as abordagens de história de vida, pois, essa se faz individual justamente para possibilitar que essa parte do coletivo, que é o sujeito, tenha poder de fala, tenha a possibilidade de se mostrar, como um eu, que apresenta uma opinião a respeito desse mundo, que tem angústias e alegrias, que almeja sua emancipação.

As primeiras tentativas de entender os processos educativos centravam-se em capacidades técnicas da pedagogia, relacionadas muito com o processo de ensino, pouca

importância tinha o professor nessas pesquisas, esses fatores somados a crise de identidade dos professores contribuíram para a separação do eu profissional e o eu pessoal desse profissional do ensino (NÓVOA, 1995).

A sensibilidade de Ada Abraham (1984) ao realizar uma obra, cujo título é “O professor é uma pessoa”, considerando esse profissional como uma pessoa, que apresenta perspectivas, medos, sonhos, angústias, foi o “*start*”, para se avançar na literatura sobre a vida dos professores e sua carreira, Nóvoa (1995) considera que além da riqueza contida nos trabalhos, o maior mérito foi “recolocar os professores como centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação” (p.15).

A partir de então, buscou-se superar a separação entre o eu pessoal e o eu profissional do professor, adotando-se a concepção de Jenifer Nias (1991, apud NÓVOA, 1995) de que “O professor é a pessoa; e parte importante da pessoa é o professor”. As pesquisas relacionadas à formação do professor, a constituição de seus saberes e de sua identidade em sua maioria, consideram que em sua prática docente o professor transmite muito de suas vivências, crenças e valores. Desse modo à história de vida não é apenas uma metodologia, é a possibilidade de entendimento por meio da reflexão de como um ser se constituiu, nesse caso, o ser Professor.

Na área da Educação Física essa metodologia ainda é pouco utilizada, apresenta-se alguns trabalhos que envolveram o professor de Educação Física com sua história de vida.

Rangel e Mizukami (1997) analisaram a história de vida de uma professora de EFE recém aposentada, o objetivo do trabalho foi identificar na trajetória da professora os pontos que foram significativos para formação profissional em Educação Física. Os resultados foram divididos em duas classes, a dos pontos intrínsecos à professora participante e a classe dos pontos extrínsecos que são importantes para todo profissional de Educação de Física.

Entre os intrínsecos está a importância da escolha da profissão; o amor e o respeito pelos alunos; a importância da experiência; a motivação para criar, testar, tentar novas metodologias de ensino; motivação para trabalhar e sentir prazer em dar aulas; o professor deve se conscientizar de sua importância na aprendizagem dos alunos e apresentar um envolvimento político com a carreira.

Os pontos significativos extrínsecos referem ao professor ter consciência que ele é um modelo a ser seguido socialmente; a importância em trocar experiências entre os envolvidos no processo educacional; a formação continuada se faz altamente necessária não podendo o conhecimento do professor ficar obsoleto; o trabalho interdisciplinar é bastante significativo para os envolvidos apresentando-se como método viável para ser trabalhado.

A professora estudada apresentou maiores dificuldades no início da carreira, mas aprendeu que o aperfeiçoamento “vem com o tempo e a experiência”. No final da carreira apresenta-se com uma inquietação, com um sentimento de que “poderia ter feito mais”, encerrando sua carreira no estágio de serenidade, ao qual corresponde a aceitar positivamente o término da profissão, a professora encerra a carreira, mas ainda apresenta o desejo de continuar trabalhando como professora (p.113).

O trabalho de Borges (1998) diferentemente do trabalho de Rangel e Mizukami (1997) teve como objetivo analisar a prática pedagógica e os saberes de dois professores de Educação Física que atuavam em duas instituições escolares diferentes. Os professores foram formados na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em períodos diferentes e foram caracterizados com nomes fictícios, Rogério (R), 31 anos, apresenta aproximadamente dez anos de magistério e João (J), 36 anos, apresenta mais de quinze anos de profissão.

A escolha da profissão para o professor (R) ocorre pela influência de bons professores e a boa experiência com a Educação Física que teve na escola. O professor (J) não foi influenciado pelas aulas de Educação Física na escola, suas aulas não eram sistematizadas, resumindo-se apenas em jogos de futebol, mas o contato com atividades recreativas desenvolvidas em ruas de esportes é que despertou a vontade de realizar um curso nessa área.

No ambiente acadêmico o professor (R) considerou as disciplinas de ginástica olímpica, handebol e basquete como muito importantes para sua formação, as disciplinas referentes ao contexto pedagógico que ele mais aprendeu foi psicologia e didática; as disciplinas como cinesiologia, fisiologia, biologia não foram significativas para a formação do professor. O professor (J) destaca apenas as disciplinas relacionadas aos fundamentos esportivos importante para a sua formação. Os dois professores se formaram na década de 70, período de vigência do currículo tradicional-esportivista. A trajetória profissional dos dois professores na área começou antes mesmo do término do curso. Para o professor (R) a realidade profissional o ajudou a analisar o curso de forma crítica, o professor também apresentou características da fase de “sobrevivência” ou “choque com o real”, senso o entusiasmo do trabalho acompanhado de sentimento de frustração ocorrido por problemas que podem estar presentes na realidade escolar. O professor (J) sempre trabalhou para se sustentar porém era na área de mecânica, seu primeiro trabalho na área de Educação Física foi com um projeto de recreação, uma fase marcada por boas experiências, quando passou a atuar no ensino formal o professor relata um período de experimentação, adaptação e muita luta para mudar a cultura da escola relacionada a Educação Física. A prática pedagógica de ambos professores foi marcada pelo

predominou do trabalho com esportes, Borges relata que os professores pareciam se afirmar e se realizar como profissionais de Educação Física por meio da direção das equipes de treinamento. Em relação aos saberes docentes, a universidade não foi à única fonte para os saberes docentes para esses dois professores, os saberes da experiência foram bastante significativos para o amadurecimento da prática pedagógica desses professores.

Filho e Ramos (2007) seguiram a mesma linha das autoras anteriores, também analisam os saberes docentes. Na tentativa de melhor compreensão da construção dos saberes docentes, eles analisaram a história de vida de duas professoras de Educação Física do ensino Fundamental e Médio da cidade de São Carlos. Uma das professoras já era bastante experiente (PE) completava aproximadamente trinta anos de carreira. Em contra partida a outra professora estava no início de sua carreira com um ano e meio de docência, professora novata (PN). Os resultados foram expressos em três categorias (1) a infância e os possíveis reflexos na atuação profissional; (2) visão de curso/universidade; (3) dificuldades reflexões sobre a vida docente.

Entre os resultados da professora experiente, estão segundo os autores, o exercício de uma prática pedagógica bastante severa, essa postura foi analisada como reflexo da educação familiar recebida na infância. A mesma professora não atribui muito valor à formação obtida, considera os saberes aprendidos na prática mais relevante do que a própria formação. Com relação à terceira categoria a PE apresenta características das fases de “lamentações e conservadorismo” e “desinvestimento” na carreira, mas a com a experiência desenvolvida a PE ainda consegue alcançar seu objetivo na maioria das vezes.

A frustração das experiências más sucedidas durante as aulas de Educação Física, como aluna, ocasionadas muitas vezes pela falta de instrução do professor, repercutiu na preocupação da professora novata em incentivar e estimular todos os seus alunos a participarem das aulas. Diferentemente da PE a professora novata atribuiu grande importância a sua formação profissional, além de valorizar as experiências informais que a Universidade proporciona, como participação em centro acadêmico e contato com pessoas de outros cursos. Na carreira docente a professora encontra-se na fase da “sobrevivência” ou da “descoberta” os principais problemas enfrentados são decorrentes da indisciplina dos alunos e a dificuldade em relacionar a teoria aprendida com prática docente na escola. Os autores concluem que estudos dessa natureza podem ajudar os professores participantes a refletirem sobre a própria prática no intuito de serem profissionais melhores.

As professoras colaboradoras da pesquisa de Almeida e Fensterseinfer (2007) mesmo apresentando história de vida e formação em diferentes períodos históricos, assemelham-se em suas práticas pedagógicas. O estudo ocorreu na cidade de Santo Augusto/RS. As professoras atribuíram sentidos diferentes para a escolha da profissão, a professora A escolheu Educação Física por causas das experiências bem sucedidas nas aulas de Educação Física quando ainda era aluna, por sua vez a professora B também escolheu sua profissão com base nas aulas que teve na escola, porém não pelos feitos bem sucedidos nas aulas, mas sim pelo desejo de se propor uma Educação Física diferente da que lhe era oferecida.

A questão da formação para essas professoras se diverge porque elas se formaram em diferentes períodos históricos, a professora A se formou no currículo tradicional-esportivista, na formação da professora B passou-se ter uma preocupação em a formação de um “ser humano integral”. A trajetória acadêmica de ambas professoras foi marcada pela presença de professores que foram significativos nesse processo de formação profissional.

A docência no ambiente escolar das professoras ocorre em um contexto de “cultura escolar”, cultura essa que se construiu ao longo do tempo por todos envolvidos nesse ambiente, no caso da Educação Física se firmou em uma “cultura do esporte”, sendo a prática das professoras restrita a esse conteúdo, causando-lhes acomodo e insatisfação.

O sentimento apresentado pelas professoras do estudo acima descrito é o mesmo de uma das professoras analisadas no estudo de Bracht et al (2009). Os autores buscaram por meio da história de vida de três professores de Educação Física as contribuições de todo processo de formação desses professores e o reflexo desse em suas práticas pedagógicas. Os professores atuam no ambiente escolar a mais de vinte anos, a professora Amor-perfeito está aposentada a treze anos. As professoras foram identificadas como Amor-perfeito e Orquídea e o terceiro professor como Girassol.

A exclusão na escola pela pouca habilidade aliada a falta de dinheiro foi o que levou a professora Amor-perfeito a cursar Educação Física. Orquídea e Girassol foram motivados pelo envolvimento com a prática de esportes, se formar em Educação Física foi para ambos professores a realização pessoal e profissional. Os três professores cursaram o curso na mesma instituição e entre o mesmo período (70-80), mas por conta de suas experiências anteriores os professores apresentam divergências a respeito da formação inicial. Orquídea não gostou do caráter esportivista do seu curso. Fato atrativo para a professora Amor-perfeito, que ao contrario da outra professora gostou do curso exatamente pela ênfase no esporte. Para

o professor Girassol o curso ampliou o seu conhecimento e aumentou seu contato com esportes.

No início da carreira os três professores relatam ter apresentado identificação com a fase de sobrevivência, sendo esses tempos difíceis, superada essa fase, está a fase de estabilização, onde as certezas passam a aumentar. A professora Amor-Perfeito que no mento da pesquisa já estava aposentada a treze anos, relata que se despediu da carreira ainda com entusiasmo avaliando positivamente sua trajetória profissional. A professora Orquídea está ansiosa com a chegada de sua aposentadoria, ela se mostra muito cansada e desmotivada com a educação. Girassol avalia-se como uma pessoa consciente e profissional dentro da sua carreira, porém o investimento pessoal em uma escolinha de futebol que não deu certo gerou um sentimento de frustração no professor e hoje ele trabalha abaixo de seu potencial e do que acredita ser o ideal.

Todos os trabalhos apresentados mostram o quanto o eu pessoal e profissional estão interligados, as experiências vividas ao longo da vida se refletem na carreira profissional. A escolha em atuar como professores de Educação Física é decorrência de diferentes fatores sociais e pessoais, em sua maioria a experiência com esportes ou atividade física é o que leva a busca por essa profissão.

Atualmente o trabalho com a docência não está fácil em todos os âmbitos, na Educação Física, viu-se através dos trabalhos apresentados que cada vez mais os professores estão cansados de todos os problemas que envolvem o processo educacional, falta de materiais, indisciplina dos alunos, falta de infra-estrutura, fatos que refletem em sentimentos de frustração e fracasso, deixando os professores desanimados e estressados, situação que não condiz com as características desses profissionais que em sua maioria são alegres, motivados.

Na tentativa de compreender a concepção pedagógica de um professor de Educação Física esse estudo aproxima-se com os aqui apresentados, pois também buscou-se a investigação por meio das história de vida.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa de natureza qualitativa. Esse tipo de pesquisa passou a ser usada nos países da América Latina por volta da década de 70, essa nova metodologia tinha o intuito de se contrapor com as metodologias positivistas que eram usadas na educação e tem sua base na fenomenologia e no marxismo (TRIVIÑOS, 1987).

A pesquisa qualitativa preocupa-se com as questões ocultas, que muitas vezes estão presente em gestos, ações e expressões. Demo (p. 102, 1998) ressalta que “ao mesmo tempo, uma pesquisa qualitativa dedica-se mais a aspectos qualitativos da realidade, ou seja, olha prioritariamente para eles, sem desprezar os aspectos também quantitativos e vice-versa”.

Para realização do trabalho propriamente dita utilizou-se a metodologia de história de vida que é um gênero das pesquisas de história oral. Deste modo a pesquisa realizada é de natureza qualitativa, do tipo de história de oral do gênero de história de vida.

Compreende-se que a história oral “consiste em gravações premeditadas de narrativas pessoais, feitas diretamente de pessoa para pessoa, em fitas ou vídeo, tudo prescrito por um projeto que detalhe os procedimentos”. Segundo Meihy (2000a) na América Latina a história oral surgiu como um fenômeno democrático, pois ela se iniciou no período pós-ditadura e foi muito utilizada para coleta de dados de ex-exilados, no Brasil ela também apresentou essa característica (MEIHY, p.17, 2005b).

A história de vida é o gênero mais cultivado dentre os outros da história oral, Meihy (2005b) relata que antes do surgimento dos gravadores a história de vida utilizava de cartas, diários, fotografias, como fontes alternativas de dado.

O colaborador é objeto central dessa metodologia, deve-se proporcionar um ambiente acolhedor, para que o sujeito sintam-se o mais à-vontade para dissertar livremente sobre toda sua trajetória, é o depoente que estabelece a seqüência dos fatos contados, podendo ou não estabelecer uma ordem cronológica.

Essa metodologia permite a entrada no campo subjetivo das pessoas, uma vez que ela trabalha com as experiências das pessoas, nesse caso não há tanto um roteiro factual, porque as narrativas se fazem por meio de impressões, sentimentos e sonhos (MEIHY, p.17, 2005b).

Meihy (p. 149, 2005b) explica que “na entrevista de história oral de vida, as perguntas devem ser amplas, sempre colocadas em grandes blocos, de forma indicativa dos grandes acontecimentos”. A verdade nesse estudo se vale a partir do depoimento do colaborador, não cabe ao entrevistador, questionar o duvidar do fato relatado.

No caso desse estudo optou-se por utilizar a realização das entrevistas por meio da técnica da narrativa biográfica, nessa perspectiva ocorre uma troca de sentido moral pelo alinhamento dos fatos, busca nessa perspectiva a análise do roteiro cronológico e factual dos sujeitos. A participação do entrevistador é um pouco mais ativa, e nas entrevistas devem estar registrado a ficha técnica do depoente.

Desse modo, nessa metodologia o sujeito permite que se conheça seu interior suas crenças e limitações, que são fatos que apenas eram vistos de fora, mas agora são apresentados na visão do protagonista da história, ou seja, o próprio sujeito.

Foram realizados três encontros com o professor colaborador, nos dois primeiros encontros pediu-se para o professor relatar sobre sua família, infância, adolescência, vida adulta, inserção na universidade e experiência como profissional docente. O terceiro e último encontro foi realizada uma entrevista semi-estruturada com questões referentes a concepção pedagógica do professor, as perguntas realizadas em conjunto com a resposta dada pelo professor estão em anexo. Franco (2003) destaca a importância de se realizar várias entrevistas e que estes sejam em um ambiente acolhedor, com o mínimo de intervenções do pesquisador nos depoimentos. A reflexão entre os depoimentos do professor entrevistado também é importante.

Todos os encontros ocorreram no Instituto de Biociências da Unesp- Rio Claro, sendo o primeiro na sala de estudos da biblioteca da Universidade e os dois restantes no Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física (LETPEF), pertencente ao Departamento de Educação Física do mesmo Instituto.

As entrevistas foram gravadas e transcritas. Ao termino transcrição dos depoimentos em um registro de diário, com esse material pesquisador e pesquisado dialogaram a respeito dessas informações com o intuito de refletir junto a respeito desses fatos. Para atender o terceiro objetivo da pesquisa que é verificar se há ou não coerência entre o discurso do

professor e sua prática pedagógica, foram observadas dez aulas do mesmo, com três séries diferentes (6^a, 7^a, 8^a) as informações foram registradas em um diário de campo.

O primeiro contato com o professor participante ocorreu em um congresso realizado em 2008 pela professora Suraya Cristina Darido, a partir de então o professor colaborador sempre era visto na Universidade, porque ele participa de um projeto de extensão oferecido pela instituição onde a pesquisadora estuda. Em 2009 o professor se aproximou da pesquisadora ao aceitar participar de uma pesquisa para o grupo de estudos do Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física (LETPEF), coordenado pela professora já citada, através desse contato com o professor colaborador, percebeu-se que ele apresentava características que o diferenciava dos outros professores, seu jeito brincalhão, seu jeito de se expressar, seu jeito de andar tudo isso era bastante peculiar, além do seu envolvimento com capoeira, yoga, jardinagem e música e somado ao fato de ser formado pelo curso oferecido pela Unesp de Rio Claro e atuação como professor no ensino escolar, foram os fatores que levaram a escolha desse professor para realização do trabalho.

Para a preservação da identidade do professor utilizou-se um nome fictício, o professor colaborador escolheu o nome de Israel.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

História de Vida e a escolha da Profissão

Israel tem vinte e nove anos e é casado com uma professora de Educação Física que está grávida de seu primeiro filho. Vive em Rio Claro com seu pai adotivo e sua esposa, na mesma casa onde passou toda a sua infância. Quando criança, com idade próxima de dois anos, Israel foi adotado por sua família, pois a sua família biológica não apresentava condições de criá-lo. Israel tem três irmãos biológicos, mas apenas teve contato com eles depois de adulto. Conheceu seu irmão mais velho em um bar. Em meio a uma roda de conversa, descobriu que o homem com quem conversava era seu irmão, a partir disso passou a ter mais contato com sua mãe biológica e seus dois irmãos, sua irmã foi adotada por outra família e mora em outra cidade, seu pai biológico faleceu quando ele ainda era criança por conta de alcoolismo. Quando criança falou poucas vezes com sua mãe biológica, mas lembra que ela sempre ligou no dia de seu aniversário para cumprimentá-lo.

Sua mãe adotiva, foi a pessoa que ele considerou como mãe, era super protetora, por isso sua infância foi alternada entre brincar sozinho dentro de casa e na rua com seus vizinhos:

Eu era filho único minha mãe (...), então né eu cresci brincando alternando brincando, dentro de casa sozinho, porque eu sou filho único e brincando um pouco na rua também né, assim né mas também sempre em doses homeopáticas, pra não criar muita asinha pra não criar muita liberdade, principalmente porque meu amigos eles, passavam grande parte do dia na rua né, era molecada de rua, assim andavam descalça de shorts, andando para cima e para baixo, trepando em árvore, e minha mãe deixava as vezes, mas dava com uma mão e tirava com a outra.

As brincadeiras de infância com a molecada eram as populares de rua, como trepar em árvore, brincar de pega-pega, esconde-esconde, mãe da rua, jogar queimada. Ao contrário de seus amigos, que ficavam o tempo todo na rua Israel tinha horários, por isso não era sempre que podia brincar, mas ele analisa essa questão como positiva, pois isso fez com que ele adquirisse hábito e gosto pela leitura. Seu pai tinha um terreno em um lugar bastante afastado da cidade, um lugar rodeado de mato, enquanto seus pais trabalhavam no terreno, sua diversão era casar bichos, como ele mesmo disse, corria atrás de calango, pegava cobra, pegava escorpião, aranha, lagarto, nunca teve medo desses animais. Quando não podia sair por falta de permissão da mãe ele se debruçava em cima das enciclopédias procurando informações a respeito dos animais que havia encontrado, para ele isso fez muita diferença, porque ele tinha conhecimento sobre coisas que as outras crianças não tinham principalmente seus amigos da rua.

O fato da mãe de Israel não o deixar brincar o tempo todo com os meninos da rua, justifica, porque muitos desses estavam envolvidos com drogas, roubo e bebidas. A preocupação dela era que ele acaba-se optando por esse caminho. Ao analisar o fato hoje Israel afirma que foram poucos os seus amigos que realmente se envolveram com esse meio.

Ao analisar sua infância Israel coloca que mesmo dentro de casa conseguiu criar um vasto repertório motor, tinha o hábito de fazer coisas com o pé ao invés de fazer com a mão, ficava driblando tudo dentro da sua casa com bolinha de papel. Na adolescência ganhou uma bola de basquete e pendurou a cesta no seu quarto, passava a tarde toda realizando arremessos e ouvindo música, isso ajudou a despertar o gosto pela música. Paralelo a docência Israel trabalha com a música através do canto, composição e percussão.

E por incrível que pareça eu fui criando habilidades com basquete, futebol, eu não era ruim, eu nunca fui ruim de futebol, nunca fui ruim de basquete, tinha até uma certa habilidade com vôlei também, eu tinha muita agilidade, até hoje para trepar em árvore, para subir em muro eu tenho muita agilidade que eu desenvolvi e...comecei a criar alternativas para brincar dentro de casa né, trepar em cima do muro, é...e outra eu ficava trancado, quer dizer fechado no quarto ouvindo música no último volume, principalmente quando eu tinha uns doze treze anos e a música parte da minha vida de tal maneira que hoje eu posso dizer que eu trabalho com música também, né principalmente cantando mexendo com percussão

Mesmo não praticando muitos esportes, sua habilidade sempre foi suficiente para não ser o último a ser escolhido. O primeiro jogo de futebol que assistiu na televisão, foi um clássico, Brasil e Argentina, início do contato com o futebol. A opção por torcer pelo

Corinthians se fez depois de assistir a comemoração do gol do jogador Viola, que comemorou imitando um porquinho em uma partida contra o Palmeiras. Na sua adolescência apresentou indícios de depressão, que pode ter sido causada pelo excesso de proteção da mãe, esse fato fica bastante evidenciado no depoimento a seguir:

eu sei que eu cheguei a ter depressão, porque essa repressão que eu sofria, e... chegou uma época que eu tinha até medo de sair na rua, isso de certa forma me inibia com meus amigos também e.e., eu me senti em alguns momentos com a auto estima baixa assim né, até porque a minha mãe era a única que pegava mais no pé de todas as mães dos meus amigos né, e as vezes eu estava na roda com meus amigos e ela ia me chamar na frente de todo mundo né, falava: Vem embora que já está na hora, se não você vai ficar de castigo! Para mim era o maior mico.

Conforme Israel foi crescendo a mãe não conseguiu mais o segurar. As saídas eram para jogar futebol com os bairros periféricos vizinhos, Israel e seus amigos jogavam pelo Nigéria *soccer*.

Um fato marcante em sua vida refere-se às duas realidades de mundo que vivia. Na escola particular o convívio era com a elite branca da cidade, fora dela seus amigos eram seus vizinhos que em sua maioria eram negros da classe popular, que gostavam de rap, break, capoeira:

(...) eu estudei boa parte da minha vida em escola particular, então quer dizer eu estudava no meio da elite branca, só que meus amigos fora da escola eram tudo negros e pobre, entendeu, meus vizinhos, pessoas que moravam sempre perto da minha casa, i... e eu assim, digamos eu me fascinei muito mais pelo mundo do negro pobre do que pelo mundo branco rico, por incrível que pareça, só que foi muito legal, porque me deu uma certa flexibilidade para lidar com as pessoas né, porque eu estava dos dois lados da moeda na, tava no meio dos brancos ricos estava no meio dos negros pobres, e... os brancos me chamavam de pretos e os pretos me chamavam de brancos, e também ficava aquele conflito você falava: pô sou branco ou sou preto né, os brancos me chamavam de preto os pretos me chamavam de branco.

Por conta dessa experiência Israel estabelece uma boa relação com diferentes grupos, a escola onde Israel trabalha atende tanto os alunos de classe média -alta, como os alunos da classe mais popular. Através da observação das aulas do professor, nota-se que ele apresenta uma boa relação com os alunos, independente da classe social que esse pertença. Em nenhum momento foi presenciado ato de discriminação ou pouco caso com os alunos por parte do professor. Israel apresenta uma relação afetiva com os alunos, ele brincava bastante, e os

alunos sempre estavam ao redor dele para conversar, essa proximidade ocorre por conta de Israel ser ainda muito jovem, segundo Hubernam (1992) essa aproximação é feita porque os alunos tratam os professores jovens como irmãos mais velhos, e o professor consegue estabelecer um diálogo muito próximo da cultura dos alunos e isso fortifica a relação.

Em um colégio que estudou a influência sobre seus amigos era bastante grande. Na busca de um diálogo entre as duas realidades que estavam presentes na sua vida, Israel passou a levar a cultura popular para seus amigos da escola, que passaram a gostar de rap e pagode.

Foi à primeira namorada da adolescência que o levou a praticar capoeira, o fato dela ser a única garota que fazia aula, fez com que Israel por ciúmes participasse das aulas. Logo o namoro acabou, mas a capoeira está presente até hoje na vida de Israel uma prática de dez anos. Frequentou por muito tempo as aulas de capoeira do projeto de extensão que a Unesp de Rio Claro oferecia. Tentou fazer aulas de natação na mesma instituição, mas como se afogou no primeiro dia de aula, não quis voltar mais. Também fez judô nessa mesma universidade, mas estava mais interessado nas meninas bonitas que praticavam do que mesmo na prática do esporte. Porém teve que se afastar um pouco, a mãe o deixou de castigo porque ele ficou de recuperação de dez matérias menos Educação Física. Ele conta:

(...) peguei uma classe terrível na escola, nessa época eu estudava no Integrado, e... meu Deus do céu tinha dez matérias na escolha final adivinha só em qual que eu não fiquei? Eu fiquei com dez as outras eu fiquei de todas de recuperação final, a chance de eu passar de ano era mínima, eu fiz vinte provas em uma semana, tinha vinte e duas provas, eu fiz muitas provas, muitas provas, tinham quatro, cinco provas por dia e eu passei de ano, fiquei de DP de física, ali que a Educação Física começou a tomar corpo na minha vida né, porque além de eu ter aquela nota e gostar de atividade de movimento né, começô a tomar corpo.

Percebe-se que o fato de sempre ir bem nas aulas de Educação na escola já começou a influenciá-lo para a escolha da profissão.

A necessidade de se mostrar igual a seus amigos da rua o levou a trabalhar em um depósito de água no qual os meninos também trabalhavam, essa experiência foi muito boa e divertida, porque além de possibilitar convívio com outras pessoas, o trabalho braçal era um outro meio de Israel se movimentar.

(...) e eu por incrível que pareça eu me sentia meio mal pelos meus amigos, porque eu via que meus amigos, assim eles.. não é nem que ralavam, porque eram assim

moleques que queriam ficar de boa para rua né, só que eu era digamos o “playboysinho” da turma, porque eu estudei boa parte da vida em escola particular, eu era um cara que gostava de ler para caramba, só que ao mesmo tempo eu ficava com eles para rua, eles tinham mais habilidades em uma série de coisas que eu, no trato com as coisas só que eu... Eu sentia a necessidade de ser mais igual eles assim no sentido de desenvolver habilidades que eu não tinha que era..., principalmente habilidades corporais sabe, pô eu queria ser assim, eu queria fazer isso. Ssabia que eu já tinha, que eu gostava de ler, que eu já tinha facilidade eu sempre fui razoavelmente bem na escola mesmo sem estudar eu fui bem, e... i.. ai eu comecei trabalhando lá no depósito e queria também e sentia que o trabalho braçal ele era necessário e eu me sentia muito digamos apesar de não ser, eu nunca fui, eu me sentia delicado perto deles, dos meus amigos, eu sabia que eles eram mais inclusive pela realidade deles eu me sentia mais delicado e aquilo me incomodava eu sentia a necessidade de pegar no batente assim que meio para dar valor nas coisas e meio que para me afirmar no meio deles né, eu falava: meu se eles podem bater galão ai, ai começou a nivelar as coisas.

Durante a observação das aulas ocorreram dois casos que envolviam essa questão do trabalho braçal. O primeiro caso foi o de um aluno que veio mostrar o celular que acabara de comprar e pagar com seu próprio dinheiro- aluno do sexto ano- o professor comemorou com o aluno a compra e disse que se ele estivesse dado ouvidos aos outros alunos a compra não seria realizada. Assim que o aluno se afastou o professor explicou que esse aluno trabalhava com o pai de ajudante de pedreiro e por conta disso ele era alvo de chacotas para os outros alunos. O professor conversou com o aluno trabalhador com a intenção de mostrar a importância do trabalho que ele exercia e que todos os trabalhos são dignos e merecem serem respeitados.

O segundo fato ocorreu em uma aula dada na sala de aula, o professor chamou a atenção de um aluno que estava “mexendo” com as pessoas que passavam na frente da sala, com isso esse aluno no qual a atenção foi chamada começou a discutir com outro aluno e eles se xingavam por meio das profissões que os seus pais exerciam, por exemplo: vai seu borracheiro! o pai desse aluno trabalha como borracheiro. O professor frente essa situação, conversou com os alunos para eles parem com essa desvalorização do trabalho braçal, argumentando que é graças ao trabalho que o pai deles exercem é que eles tem a possibilidade de sobreviver devendo valorizar a profissão toda profissão.

Essa questão sobre o trabalho braçal é significativa para o professor porque fez e ainda faz parte de sua realidade. Israel trabalha como jardineiro nas horas em que não está dando aula, e sua família, sobretudo sua mãe não o apoio quando começou a trabalhar no depósito de água, para ela Israel apresentava condições de trabalhar em um serviço melhor.

Agora com relação a Educação Física que teve na escola, essa se restringiu aos conteúdos das corridas e jogos. Israel teve na escola um professor que gostava de trabalhar

com atletismo, sempre colocava os alunos para correr, era a aula toda corrida e mais corrida, e todos os alunos participavam dessa, Israel conta:

então eu tinha um interesse grande por atividade física, na escola quando chegou entorno dos dez onze anos para frente, eu peguei uma escola que o professor ele dava corrida, corrida, toda aula ele dava corrida era impressionante sempre três quatro voltas no, na quadra, tinha uma pista de atletismo a gente corria na pista é..., às vezes tinha dias que ele dava basquete eu nunca joguei futebol na Educação Física, me perdoe mas eu não me lembro de ter feito outra coisa a não ser correr e dar uns arremessos, e meu arremesso de basquete nem chegava na cesta.

O professor se contradisse porque ele relata que em outra escola o futebol passou a ser pouco mais freqüente, além das caminhadas, essas foram os conteúdos de Educação Física trabalhado nessa escola. Em um desses jogos de futebol aconteceu o seu primeiro gol na escola e ele é ainda lembrado, a emoção do momento foi algo inesquecível:

O professor gostava de levar a gente para fazer caminhada, fazer corrida e a quadra de basquete era minúscula, mas a gente também jogava basquete, não jogava futebol, muito pouco, eu lembro até o primeiro gol que eu fiz, foi quando eu tinha treze anos nossa eu fiquei tão feliz jogando na escola, contra o time era o time do meu primo, era sexta série contra sétima série, eu estava na sétima a gente ganhou de quatro a um eu lembro até do placar, nossa eu fiquei muito feliz.

Fora da escola o convívio no ambiente universitário proporcionado pelos projetos de extensão o fez almejar a inserção nesse ambiente como aluno.

(...) me fascinava, inclusive eu vinha ver os intercursos aqui na Unesp me fascinava, aqueles jogos né aquela torcida, e eu gostava de atividade física então eu quis entrar só que assim não digo para você que eu tinha uma noção ampla do curso, eu não imaginava a quantidade de disciplinas que eu tive aqui dentro, didática, base-neurofisiológica da motricidade, aquela coisa, mas estava determinado eu sabia o que eu queria, que eu queria Educação Física.

A escolha da profissão ocorreu através das experiências bem sucedidas que Israel vivenciou na escola e influenciado pelo ambiente que a Universidade proporciona Israel viu no curso de Educação Física oferecido pela Unesp a possibilidade de satisfazer seus desejos, de cursar Educação Física e fazer parte do meio universitário da Unesp.

A escolha da profissão é uma etapa muito confusa na vida do jovem vestibulando, as incertezas geradas pela escolha são muitas, mas a escolha se faz na maioria dos casos, por meio de experiências vivenciadas anteriormente. No caso da Educação Física o envolvimento com atividades pertencentes à cultura corporal dentro ou fora do ambiente escolar geralmente é o que leva o indivíduo a optar por esse curso. Os professores dos estudos de Betti e Mizukami (1997); Borges (1998); Almeida et al (2007); Santos et al (2009) e Amorim Filho (2010) também foram influenciados na escolha por Educação Física, pelo envolvimento com os elementos da cultura corporal, experiências vidas tanto no ambiente escolar como fora dele.

Sentidos da Formação Profissional

Israel é graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Unesp de Rio Claro, realizou o curso no período de 2001 a 2005. Por frequentar os projetos de extensão da faculdade, Israel de certa forma já estava acostumado com aquele ambiente. Porém, percebeu que não era tudo tão encantador quanto imaginava. Questionava-se a respeito das pessoas que pareciam mudar a todo instante, mas para ele esse problema era com ele mesmo:

(...) agora eu sempre vi assim o problema que eu tinha na faculdade era comigo mesmo né, era a minha dificuldade ali dentro, a restrição era minha, eu tinha dificuldade de lidar com determinados comportamentos, quer dizer eu não estava preparado para isso, eu levei um tempo para..., por exemplo, relação de amizade com as pessoas de conversa e de papo que rolava de educação, não dizendo que eu fosse mais educado que os outros, mas o pessoal passava uma hora te cumprimentava, daqui a pouco passava de novo do seu lado não olhava na sua cara, coisa boba mas que fazia a diferença para mim que estava acostumado com outro tipo, digamos, as pessoas não eram tão simpáticas como as outras pessoas que eu convivia, pessoas mais simples e... Eu vi alguns momentos... Algumas futilidades, algumas coisas que eu desaprovava pela minha formação, mas eu achava que a restrição era minha porque eu devia me preparar para enfrentar aquilo, porque queira ou não queira a gente trava contato com gente de tudo com quem canto né (...)

(...) quer dizer eu fui digamos me adaptar e mudar minha concepção lá para o terceiro ano de faculdade, eu já estava acostumado já sabia como é que funcionava, eu cumprimentava o cara agora já sabia que ele ia passar não ia olhar na minha cara, tava tudo bem, não vou esquentar a cabeça com isso né, para que, faz parte, hoje eu tenho um outro comportamento. O mundo que a gente está vivendo está assim, as pessoas não se cumprimentam, o pessoal passa olhando você cumprimenta ninguém responde, então a gente tem que estar preparado, hoje eu, eu me sinto preparado para isso, mas eu sofri, eu sofri e isso com certeza de certa forma limitou é... Troca de informação, minha, troca de vivência é..., Participar de atividades com o pessoal da faculdade.

Em uma aula dada em sala de aula o professor ao explicar as regras do futebol de salão atentou os alunos sobre a importância de eles serem educados, simpáticos, de eles saberem dialogar, pois essa conduta é valorizada na sociedade e pode proporcionar oportunidades futuras para melhora da vida deles. Para exemplificar o professor utilizou aqueles jogadores que são mal educados com o juiz, o juiz ficará com uma má impressão desses e isso pode influenciar na arbitragem da partida.

Outra questão que surgiu na vida de Israel ao entrar na faculdade foi a preocupação em se esforçar mais, ele se considerava muito “malandrão” e queria mudar essa postura, por isso frequentou muito pouco as tentadoras festas, diminuiu o nível de atividade física e se engajou bastante na faculdade.

Dei uma reduzida no treino da capoeira, porque eu estava sentindo uma necessidade de achar o meu equilíbrio, porque eu achava que eu era muito moleque de rua muito malandrão eu falei: meu agora eu estou na faculdade, faculdade pública, porque eu não tinha nem a expectativa de entrar em uma faculdade pública né, porque eu olhava para os meu amigos, meus amigos todos trabalhando em firma né, é tudo assim, tudo com motinho né, carrinho financiado em quinhentas mil vezes e tava todo mundo e eu de bicicletinha, bicicletinha veia, eu falei: pô vou trilhar outro caminho, ai prestei o vestibular três vezes né, ai a terceira vez eu entrei.

No primeiro ano entrou no projeto de extensão de anatomia, no qual ficou os quatro anos do curso, no primeiro ano não tinha bolsa, mas pelo seu empenho no ano seguinte foi contemplado com uma. Foi monitor de capoeira, participou de um grupo de danças folclóricas, também sendo bolsista.

No primeiro ano da faculdade Israel continuou trabalhando na distribuidora de água e conciliado ao ritmo das disciplinas da faculdade diminuiu sua quantidade de atividade física. No primeiro semestre do curso participou de um campeonato de atletismo e acabou ficando em último lugar, a partir de então começou a treinar atletismo com uma colega de sala, chegou até disputar provas de corrida em outras cidades.

Chegou a dar algumas aulas de anatomia para o curso de Biologia, essa experiência mais a do projeto de extensão o fez pensar em ser professor:

(...) eu gostava de falar do corpo humano, e trabalhando no laboratório de anatomia você cria aquela ilusão que dar aula vai ser fácil, era fácil dar aula de anatomia no laboratório, eu fazia muita brincadeira com os alunos, falava gíria eles prestavam atenção e saíam de lá falando às coisas que eu tinha explicado, eu falei: putz meu eu acho que eu estou na área certa que eu gosto que é ser professor, vou adorar dar aula vai ser aquela coisa.

Essa experiência mostra-se marcante na prática docente do professor, pois ele demonstrou um maior envolvimento com as aulas teóricas em relação às aulas práticas. Para a explicação do conteúdo valoriza a participação dos alunos e sempre levanta questões para eles discutirem, o professor se mostra com maior entusiasmo nessas aulas, fez brincadeiras relacionando o conteúdo trabalhado com um fato do contexto real.

Em relação a sua turma ele guarda boas lembranças e ainda mantém contato com algumas pessoas, mais precisamente com um amigo de sua sala que foi o seu companheiro durante esse período.

Israel tinha bastante amizade com o pessoal de outros cursos e também com o pessoal “alternativo”, eles gostavam das mesmas coisas, apresentavam as mesmas idéias, curtiam as mesmas músicas. Israel relata saudade do ambiente universitário, mostra-se arrependido por não ter aproveitado mais. Além dos amigos, Israel também lembrou dos professores, destacou os professores das disciplinas de nêuro-anatomia, capoeira, administração em Educação Física, crescimento e desenvolvimento, socorros de urgência, anatomia e prática de ensino, como os professores que ele melhor se relacionou e que ele considera como bons professores.

As disciplinas que ele mais gostava foram fisiologia, anatomia, nêuro-anatomia realizou seu trabalho de conclusão do curso em um conteúdo dessa última disciplina, micro-estruturas de células cartilagineas, gostou de handebol, esporte que ele apenas conheceu com a disciplina na universidade, gostou da disciplina de programas de Educação Física para o Ensino fundamental e Médio, gostou da disciplina de Educação Infantil e também de sociologia. O professor não lembrou da matéria em que foi melhor na Universidade, mas lembra que foi passo com cinco em Estatística e fez DP da disciplina de biologia do primeiro ano.

Os professores citados por Israel pertencem a diferentes áreas, mas pode-se observar um predomínio das disciplinas pautadas nas ciências biológicas. Seu envolvimento com o projeto de extensão e gosto pelas disciplinas de anatomia e fisiologia refletem em sua concepção de Educação Física, por outro lado a sua experiência com a cultura popular, que aumentou no período da graduação, com a participação no grupo de danças folclóricas, monitoria de capoeira e na entrada em um grupo de batuque de umbigada da cidade não foi evidenciada em nenhum momento, nem nas entrevistas e também nas observações.

A respeito da avaliação de sua formação, o professor considera que o currículo deveria ser mais diversificado, mesmo com todas as disciplinas presentes. Ele sentiu falta de uma disciplina voltada para o alongamento. Criticou também os professores que não se envolvem com o ensino, apresentando aquelas aulas automáticas:

tinha muito professor que tinha aquela aula montada que parecia que fazia quinze anos que estava dando aquela mesma aula, que não preparava aula, digamos ele era obrigado a dar aulas, então quer dizer ele vai lá monta o esquema, e fica quinze anos

dando aquilo, ele é obrigado, ele não monta a aula por prazer, não, vamos montar, vamos fazer uma coisa diversificada, vamos utilizar as dependências da faculdade, é aquela coisinha quadradinha, escreveu na lousa explica um pouquinho, fala, coisas que as vezes ele põe de piloto automático, que têm muito professor falando no piloto automático, ele tava falando, tava viajando e agente lá escutando

Israel não crítica apenas o currículo do curso e os professores, ele reconhece que poderia ter se esforçado mais:

bem e agora a gente depois que passou por tudo aquilo, que tem uma visão mais ampla quando a gente termina né, você fala, puxa vida podia ter feito isso, podia ter feito isso, podia ter acontecido isso, é muito assim é... eu vejo por imaturidade minha, um pouco perdido né, também né, porque eu estava naquela, gostava muito de capoeira, eu estava com dificuldade de encontrar uma outra área porque, eu falei meu, se eu for trabalhar com capoeira eu não vou ganhar dinheiro, eu vou passar apertado.

O desapontamento com o curso de formação também foi encontrado nos trabalhos de Betti e Mizukami (1997); Borges (1998); Almeida et al (2007); Santos et al (2009) no caso da professora Orquídia (2009) e Amorim Filho (2010), mas diferentemente da crítica feita por Israel as duas principais temáticas abordadas nos trabalhos citados referem-se a ênfase nas disciplinas esportivas dos cursos do modelo tradicional e a questão da teoria e prática gerada nos curso de currículo técnico-científico.

Em relação à preocupação apresentada por Israel no último depoimento reflete o seu desejo de entrar no mercado de trabalho, “de cair no mundo”, sua vontade não era cursar o mestrado logo depois de sua formação. Esse anseio pelo início da docência é uma das características presente no primeiro estágio da carreira profissional do professor, é o que caracteriza a fase da descoberta, é ânsia por responsabilidade, é o desejo de se “sentir colega em um determinado corpo profissional” (HUBERMAM, p. 39, 1992).

Depois de formado em Licenciatura Israel se matriculou na complementação para o curso de Bacharelado, porém não concluiu, porque apresentou dificuldades na disciplina de Bioquímica e resolveu não terminar a complementação, ao mesmo tempo foi contratado como estagiário por uma escola particular.

Contexto de Trabalho

Depois de formado conseguiu um estágio remunerado em uma boa escola particular. A Educação Física era muito valorizada, a escola apresentava uma ótima infra-estrutura, com dois campos de futebol, duas quadras poliesportivas, além de material. A escola trabalhava com cinco professores de Educação Física, cada professor era responsável por uma modalidade esportiva. A experiência nessa escola foi muito válida, *“todo mundo participava era o mais legal e isso que eu acho fundamental, fazer atividade física não importa de que maneira”*(ISRAEL). Israel conseguiu realizar um bom trabalho com capoeira, mas por questões de corte de despesas a escola não pode contratá-lo.

Também trabalhou com capoeira em outra escola particular, a experiência não foi muito boa porque a capoeira não era significativa para aqueles alunos, o contexto não estava adequado.

Em seguida começou a trabalhar no Estado e a dar aulas em um outro colégio particular. Trabalhou um ano nesse colégio particular, ele não apresentava espaço físico, dificultando o trabalho de Israel. O trabalho com aulas teóricas (em sala de aula) foi à alternativa encontrada pelo professor para o desenvolvimento da Educação Física,. *“eu gostava de dar aula teórica, dava anatomia dei vários sistemas do corpo humano para eles, dava aula, dava texto, lá tinha isso de bom, podia xerocar, dava texto para eles, mas não tinha espaço físico”*, conta o professor.

O professor nesse caso utilizou os saberes profissionais descritos por Tardiff (1992), esses saberes correspondem aos saberes aprendidos durante a formação profissional oferecida pelas instituições de ensino. No caso o professor utilizou o conhecimento sobre a anatomia, aprendido durante os quatro anos em que participou do projeto de extensão.

O professor conta que os alunos lembraram-se dele no dia da formatura, através do discurso do paraninfo, para ele o fato de ser lembrado foi uma grande satisfação.

foi legal porque quando eles se formaram, eles lembraram de mim, eu dei um ano só para eles, fizeram um discurso, o cara que foi paraninfo deles disse que eles se sentiam tendo aula de medicina comigo, por que eu ensinei coisas assim a respeito do corpo, coisas assim que eles nunca imaginavam que eles iam descobrir, e eles aprenderam comigo e eu fiquei super lisonjeado, achei muito legal eles terem lembrado.

No meio do ano a escola disponibilizou um campo para ser usado nas aulas, na sala havia trinta e um meninos e uma menina eles sempre queriam jogar futebol, mas o para Israel era importante trabalhar com uma teoria reforçada, pois os alunos estavam no Ensino Médio. Buscou trabalhar o futebol de modo diversificado, analisando a sua história, aspecto táticos, jogadas, seu desejo era o de montar um time. Cansado de pedir a compra de material para direção, Israel buscou nos materiais alternativos, meios para treinar a parte física dos alunos. O professor conta:

(...) eu pedi para o pessoal lá comprar material esportivo e eles ficaram enrolando, enrolando eu arrumei material alternativo, levei pneu para escola, levei garrafa pet, levei câmara de bicicleta eu fiz treinamento da parte física com eles e..., aí o que aconteceu, é foram fazer uma limpeza lá no quartinho a onde eu guardava minhas coisas, jogaram todo o meu material fora, pergunta se compraram alguma coisa nova para mim.

A falta de infra-estrutura e de material o levou a entrar em atrito com a direção, com isso ele foi demitido. Em paralelo o professor também trabalhava no Estado, na cidade de Limeira. Trabalho três anos nessa escola, o trabalho era desenvolvido com crianças de primeira a quarta-série, a escola apresentava uma infra-estrutura satisfatória de espaço físico e disponibilizava muito material para o professor. O professor relata:

(...) lá foi uma experiência muito gostosa, porque de primeira a quarta é muito gostoso, porque você diversifica as atividades, você cada dia faz uma aula diferente eles participam eles gostam, muitos alunos tinham um carinho com a gente e... trabalhar com criança né. Hoje não se pode dizer mais isso, mas uma grande parte das crianças é aquela simplicidade é aquela humildade é aquela ingenuidade da criança, aquilo lá é uma delícia trabalhar, não tem maldade em muitos casos.

Atualmente o professor trabalha em Cordeirópolis com turmas de sexto a oitavo ano, a comparação entre as duas experiências é inevitável:

é diferente você trabalhar com “marmanjão”, fica agüentando malícia deles toda hora, falar palavrão, agressividade, isso me incomoda, até comentei com você falei né do....Que eu não queria ficar..., eu não pretendo ficar dando aula o resto da minha vida no Estado, porque isso me... sabe não me acrescenta nada, ficar ouvindo as coisas que você tem que ouvir, é... é difícil né, chega...infelizmente são poucos os alunos que chegam para ter uma conversa, contar alguma coisa, é... a respeito de treinamento, de uma alimentação adequada né, não tem interesse não tem cultura em casa, esse tipo de cultura para discutir isso, se a gente dá aula tudo eles encaram como lição, lá vem o professor dar lição, tudo é lição, eles não levam nada como conhecimento, eu falo meu isso aqui vocês estão adquirindo conhecimento, eu estou passando conhecimento para vocês, para vocês usarem isso ai no dia-a-dia de vocês, é lição, para eles é tudo lição, então isso desestimula, desestimula bastante.

Através desse depoimento percebe-se que o professor atualmente está desanimado com a realidade escolar, os problemas presentes no interior da escola, o faz pensar em parar de trabalhar com a Educação Física no Estado. Enquanto trabalhava no Estado Israel também trabalhou em uma academia, mas como o salário era muito baixo e ele não apresentava perfil de academia, Israel deixou a academia e continuou apenas no Estado.

A escola que trabalhava em Limeira foi municipalizada, com isso Israel foi transferido para uma outra escola na mesma cidade, passou a trabalhar em uma escola grande com alunos do quinto ao oitavo ano. A escola apresentava bastantes problemas de indisciplina, mas era composta por uma boa equipe pedagógica, trabalhou um ano nessa escola e foi transferido para cidade de Cordeirópolis, escola onde ele trabalha atualmente. Porém ficará apenas esse ano na escola, porque ele conseguiu remoção para a cidade de Rio Claro, para ele será melhor, porque a escola é perto da sua casa. O professor está confiante, para ele a mudança será melhor, porque ele não terá mais o desgaste da viagem, ele estará perto da sua casa, da sua família, haverá possibilidade de fazer um trabalho diferenciado, pois dará para levar material que ele tem na casa dele, maior possibilidade de levar palestrantes para escola, pois em Rio Claro seus contatos são maiores.

Israel considera sua entrada na carreira uma fase bastante conturbada, o professor relata que ele já entrou “*não dando a sola, eu já entrei tomando a sola (risos) eu levei a botinada*”. É o que caracteriza o estágio da sobrevivência descrito por Hubermam (1992), o choque com o real não é nada fácil, o professor já apresentava essa consciência:

Outra né, uma coisa é a teoria, outra coisa é a prática. Era.uma... digamos... uma das minhas maiores verdades que eu tinha para mim, por isso que eu queria sair meter a cara no mundo, para ver como é que é de verdade, eu sempre fui muito adepto do teórico prático, eu falava meu, é aquela velha história, que as pessoas já tinham falado para mim, na teoria tudo é bonito perfeito né, os livros, os textos, quem

escreve nunca deu aula, eles acham que tudo vai dar certo, aquela ilusão, chega na hora do vamo ver, a gente quebra a cara. Eu comecei digamos, quebrando a cara com algumas coisas.

Mesmo sem espaço físico, na primeira escola particular que começou a trabalhar como professor, Israel esboçou mais as características da fase da descoberta, estava animado com as aulas teóricas e a turma correspondia, então *“eu via que a molecada estava interessada em fisiologia, eu fazia de tudo para dar uma aula chic de mais, queria dar uma aula cada vez melhor”*. O trabalho desenvolvido por três anos no colégio de Limeira, deu ao professor uma maior segurança e os alunos da faixa etária trabalhada, também são mais participativos, diria-se que nesse período o professor vivenciou características do estágio da estabilização e quando foi transferido para o Ensino fundamental II ocorreu um novo choque com o real, pois o professor não estava acostumado a trabalhar com a nova faixa etária, caracterizando novamente o estágio de sobrevivência, para Huberman, “o desenvolvimento de uma carreira é, assim, um processo e não uma série de acontecimentos. Para alguns, este processo pode parecer linear, mas, para outros, há patamares, regressões, becos sem saída, momentos de arranque, descontinuidades” (HUBERMAN, p.38, 1992).

Desse modo Israel apresentou uma volta às características do estágio de sobrevivência e essa nova realidade o fez ele perder o controle da situação.

Eu não estou feliz com que está acontecendo, eu acho que eu vim em queda livre, risos. Eu trabalhei três anos de primeira a quarta e era muito gostoso né, digamos, eu me realizei em muitos aspectos, apesar de ter muito problemas com indisciplina, mas eu me realizei, porque tinha bastante material, (...) apesar do problemas a gente se realizava, fazia um monte de atividade com os alunos, diversificava, mas era né, aquela coisa a gente se realizava na, dava para fazer muitas atividades diferentes com os alunos e diversificava assim e muito das coisas que digamos que a gente era pregado dentro da Universidade, você acabava de primeira a quarta realizando um monte de coisas, você falava: nossa! Sabe que faz sentido mesmo algumas coisas que..., a gente acha que é um mar de rosas né, fala: nossa eu estou super bem preparado para trabalhar né, han doce ilusão, na hora que você cai no mundão, ali o bixo pega a molecada.

(...) Depois eu fui para aquela outra escola e lá tinha pouco material, na outra escola também (atual) pouco material, os alunos destruíram os cones, então até isso pega para mim. Tem que atravessar a quadra para pegar material, eu não posso deixar na quadra, se eu largo um cochonete lá e vou buscar uma sala, eu tenho a leve impressão que quando eu voltar eu não vou achar mais o colchão, (...) então limita, vai limitando o trabalho da gente.

Atualmente Israel está bastante decepcionado com o trabalho do Estado, o desrespeito dos alunos, a falta de empenho desses, somado a baixa remuneração são os principais fatores

que o fazem pensar em sair do Estado. Depois de conhecer a história de vida do professor colaborador, abordará a concepção pedagógica dele.

A concepção Pedagógica de Educação Física

Além dos relatos sobre sua infância, ingresso na Universidade e carreira profissional, foi realizada uma entrevista semi-estruturada com o professor, buscando entender melhor qual a sua concepção pedagógica de Educação Física.

O professor considera a Educação Física de um modo geral muito ampla, estando presente a todo instante na vida do indivíduo, para ele quando “você deita na cama tem a questão postural, a questão da sua respiração, é quando você se levanta..., ta ligada a tudo”(ISRAEL).

Em relação à Educação Física na escola o professor não apresentou dúvidas em responder que na concepção dele a Educação Física é uma disciplina escolar e ele gosta de trabalhar com as questões de qualidade de vida, conhecimento sobre o corpo, conhecimento anatômico do corpo, alimentação, desenvolvimento de uma consciência corporal. O professor relata:

de minha parte, pela minha formação como pessoa, eu gosto muito de trabalhar a parte de qualidade de vida, é (...) parte do (...) conhecimento do corpo, conhecimento anatômico do corpo, conhecimento fisiológico do corpo, se alimentar bem né, ter disciplina né, consciência corporal, eu gosto muito dessa área.

Mas uma vez a experiência no projeto de extensão da universidade mostra-se que foi bastante significativo na vida do professor.

Agora o professor também reconhece a importância dos jogos e do esporte na cultura escolar dos alunos, ele não valoriza a questão da competição. O professor falou também que a Educação Física deve estar voltada para a formação do cidadão pleno, do ser crítico, que compreende o funcionamento do seu corpo, que saiba o que deve comer, que saiba respeitar as regras, que saiba competir. Mas o professor apresenta uma dificuldade em delimitar o conteúdo para se trabalhar a Educação Física, pois se apresentam muitas opções.

Em relação à constituição dessa concepção o professor acredita que ela decorre de sua formação em geral. O professor considera que sua experiência como aluno na escola influenciou 10% na constituição dessa concepção, é o mesmo valor dado às experiências de estágio de observação e regência proporcionadas pela disciplina prática de ensino. A sua formação profissional correspondeu á 30% desse processo e considera que 50% para constituição dessa concepção que foi desenvolvida quando passou a atuar como professor mesmo.

O próprio professor diz estar passando por um momento de desestabilização, e por isso considera que sua prática pedagógica não está de acordo com a sua concepção de Educação Física:

(...) atualmente não, atualmente eu acredito que a minha prática pedagógica não está de acordo com minha percepção, mas como eu disse é o momento que eu estou vivendo né, mas não está adequado com que eu gostaria, de estar fazendo né. Eu estou improvisando, né i..., eu acho que eu perdi um pouco o fio da meada, e estou com uma certa dificuldade de voltar no eixo, (...)mas eu to vivendo um momento assim de, desestabilização, né mas eu quero voltar, principalmente por que, hoje eu acho que eu tenho isso até mais forte, do que eu tinha, essa questão da..., questão de ...trabalhar a qualidade de vida né, mas foi um conjunto de fatores que acabou me atrapalhando mas eu, hoje eu acho que a minha concepção, o que eu faço não está de acordo com minha concepção, com a concepção que eu tenho não está batendo.

Para Hubermam (1992) os professores podem apresentar regressões nos estágios ao longo da carreira. Para superar essa situação o professor diz estar estudando, buscando meios de diversificar sua aula na tentativa dos alunos participarem, mas o professor acha difícil dar um andamento diferente para as aulas, porque os alunos já estão acostumados com a dinâmica empregada, mas na próxima escola o professor acredita que será diferente.

Por meio da observação percebeu-se que o professor que mesmo estando um pouco perdido, ele apresenta uma preocupação com os alunos. Nos dias das aulas práticas onde o sol estava forte e o clima estava seco, o professor sempre alertava os alunos para a importância deles se hidratarem. O professor também leva os coletes dos alunos para lavar em sua casa, porque a escola não lava. Os alunos mostraram-se afetuosos com o professor e sempre buscam conversar com ele. O professor demonstrou ser bastante compreensivo e estar aberto para a opinião dos alunos, mas essa postura contribuiu para que ele se perdesse.

O que aconteceu, eu fui permissível em determinados momentos esse ano, quebrando o galho de aluno, até porque eu estava meio cansado desgastado também né, aquela própria convivência aquela coisa de ficar chamando a atenção toda hora isso é bem desagradável para mim eu não gosto muito não, então é eu fui permissível alguns momentos por ta com o saco cheio, e eu perdi um pouco o ... o fio da meada das coisas que eu estava fazendo né, apesar de ter uma coisa que eu já acredito né, uma coisa que eu fazia, eu deixei brechas, para os alunos...

Durante as observações percebeu-se que o professor se envolvia mais com as aulas teóricas, ele se mostrava mais empolgado e era onde ele conseguia controlar a sala e ter uma participação quase que geral. Nas aulas práticas já estava tudo automatizado, os meninos pegavam a bola, as meninas, jogavam três cortes, o professor distribuía os coletes, e assim a aula seguia. Quando era o dia das meninas escolherem o professor arbitrava o jogo e aproveitava para passar alguns fundamentos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade escolar apresenta inúmeras questões que são bastante complexas, entre elas destacam-se as questões que envolvem a figura do professor. Foi por esse motivo que se resolveu analisar essa figura tão importante no meio educacional. Somado a curiosidade de entender qual a concepção de Educação Física que um professor apresenta, procurou-se analisar por meio da metodologia de história de vida a sua concepção pedagógica.

Para análise dos resultados apresentou-se três temáticas- História de Vida e a Escolha da profissão; Sentidos da Formação e Contexto do Trabalho- para procurar identificar quais foram os fatores que contribuíram na constituição da concepção do professor.

A escolha da profissão muitas vezes é consequência de todas as vivências experiências pelo indivíduo. No caso de Israel, o gosto por atividade física, que é consequência de uma infância ativa e repleta de brincadeiras, o bom desempenho nas aulas de Educação Física na escola e o envolvimento com os projetos de extensão relacionados aos esportes oferecidos pela Universidade, foram os fatores determinantes para a escolha pelo curso de Educação Física.

Aos sentidos da formação ficou evidente que a experiência adquirida no projeto de extensão de anatomia mostrou-se muito presente na prática pedagógica no início de sua carreira, além disso ela está bastante evidenciada na concepção pedagógica que o professor apresenta. Através dos relatos do professor ele entende a Educação Física como uma disciplina escolar que na visão dele deveria ensinar os alunos a serem críticos enquanto as questões que envolvem o seu corpo, referentes ao seu funcionamento, a sua estruturação, a alimentação, ao fato de se relacionar em grupos, capazes de respeitarem as regras não só a dos jogos, mas também as da sociedade, enfim o desenvolvimento do ser pleno.

A intenção do trabalho não era a de enquadrar o professor em alguma abordagem de acordo com a concepção que ele apresenta, mesmo porque não há como estabelecer uma relação única e exclusiva com apenas uma abordagem, elas apresentam lacunas e são exatamente nessas que elas acabam se completando e aproximando seus “simpatizantes”.

Israel apresenta-se desanimado com as suas condições de trabalho no Estado, a falta de infra-estrutura e material que sua escola apresenta, a grande indisciplina dos alunos, o baixo

salário que o Estado paga aos professores, são os fatores causadores desse desânimo e o que leva ele pensar em até desistir de ser professor.

Esse quadro é bastante comum na realidade escolar brasileira, os estudos bibliográficos mostram-se ferramentas importantes para ajudar a compreender a formação desse profissional e assim poder ajudá-lo. Não há como culpar única e exclusivamente o professor pela sua atuação, uma vez que ela está relacionada com questões sociais e políticas e econômicas, que estão além dele. Uma possibilidade de mudança desse quadro é a implementação de projetos coletivos na proposta pedagógica da escola, desse modo o professor se sente menos sozinho e pode melhorar a sua prática. A coordenação pedagógica também se faz necessária para auxiliar e ajudar o professor na resolução desses problemas. Essas medidas podem melhorar a situação do professor, mas ele também tem que fazer o seu papel, cobrar da direção por melhorias no ambiente de trabalho, buscar diferentes meios para os alunos participarem das aulas, o professor tem que ser firme nas suas decisões. Ser firme não significa ser autoritário, mas significa ter autoridade, o professor deve se assumir como professor, caso contrário a perda de controle será inevitável e sua recuperação pode ser bastante difícil.

Contudo o trabalho realizou o possível dentro dos limites de espaço e tempo disponível, acredita-se que a continuação do estudo poderá trazer maiores contribuições para área.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L.; Fensterseife, P. E. Professoras de Educação Física: duas histórias e um só destino, **Revista Movimento**. Porto Alegre, v.13, n. 02, p.13-35, maio/agosto de 2007.

BENITES, L. C. **Identidade do Professor de Educação Física: Um estudo sobre saberes docentes e a prática pedagógica**. 199, Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual Paulista- Instituto de Biociências de Rio Claro, 2007.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Editora movimento, 1991.

BETTI, I. C. R.; BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional em educação física. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 2, n. 1, jun. 1996.

BORGES, C. M. F. **O professor de educação física e a construção de do saber**. Campinas: Papyrus, 1998.

BRACHT, V. Educação Física no 1 Grau: Conhecimento e Especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**. v.2, 1996.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Pedagogias da Educação Física. **Cadernos CEDES** (Unicamp). Campinas. v. XIX, n.48, p. 69-88, 1999.

BRACHT, V.; FERREIRA, M. G.; RODRIGUES, R. M.; GOEDERT, R.; GONZALES, F..Resenha de Freire, J. B. Educação de Corpo Inteiro. **Revista Brasileira, Ciências do Esporte**, v.17, n.02, p. 198-2000, 1996.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Mec / SEF, 1998.

BROTTO, F. O. **Jogos Cooperativos: Se o importante é Competir, o fundamental é Cooperar**. São Paulo: Cepeusp, 1995.

CONTRERAS, J. **Autonomia de professores**. São Paulo, SP: Cortez, 2002.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. (coleção corpo e motricidade)

DARIDO, S. C. **Os conteúdos da educação Física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades**. Perspectivas em Educação Física Escola, 2001, 2 (supl.1), p.5-25.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Araras, Topázio, 1999.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005

DARIDO, S. C. **Pedagogia cidadã: cadernos de formação: Educação Física**. São Paulo: Unesp, Pró-reitoria de graduação, 2004.

FILHO, M. L. A.; RAMOS, G. M. S. Trajetória de vida e construção dos saberes de professoras de educação física, **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.24, n.2, p.223-38, abr./jun. 2010.

FIORANTE, F. B; SIMÕES, R. (Re)Lendo a prática pedagógica dos professores de Educação Física, **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.19-29, jul/dez, 2005.

FONSECA, S. G. **Ser Professor no Brasil: História oral de vida**. 2 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1997, (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

FREIRE, J. B. **Educação de Corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1994.

KUNZ, E. **Educação Física: ensino & mudanças**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2004. p. 207.

LAVOURA, T. N.; BOTURA, H. M. L.; DARIDO, S. C. Educação Física Escolar: Conhecimentos necessários para prática pedagógica. **Revista da Educação Física/ Uem**, Maringá, v.17, n.2, p 203-209. 2 sem. 2006.

LIBANÊO, J. C. Organização e Gestão da Escola. Teoria e Prática. Goiânia: Alternativa, 2004.

MEIHY, J. C. S. B. Manual de História Oral. 5^a ed. Ipiranga, SP. Loyola, 1996. NETTO, A. V. Abordagens pedagógicas em educação física: corpo como objeto e abordagem cultural como conteúdo. **Revista digital: Ef desportes**, Buenos Aires ano. 11- n 95.abr.2006.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: _____. (Org.). **Vidas de professores**. Tradução de Maria dos Anjos Caseiro, Manuel Figueiredo Ferreira. 2. ed. Porto: Porto Editora, LDA, 1995.

PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo, SP: Cortez, 2000.

RANGEL, B. I.; MIZUKAMI, M. G. M. História de Vida: Trajetória de uma professora de Educação Física. **Motriz** - Volume 3, Número 2, Dezembro/1997

RESENDE, Helder G. de. Tendências pedagógicas da educação física escolar. In: RESENDE, Helder G. de; VOTRE, S. J. (orgs.). **Ensaio sobre educação física, esporte e lazer: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: UGF; SBDEF, 1994

SANTOS, N, Z.; BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. Vida de Professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 141-165, abril/junho de 2009.

SANTOS, R. S; MATOS, T. C. S. A relação entre tendência e prática pedagógica dos professores de Educação Física de 3º e 4º ciclos de Ensino Fundamental. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.3, n.3, p.45-53, 2004.

SILVA, M. F. G. **Os saberes docentes na história de vida do professor de Educação Física**. 186. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual Paulista- Instituto de Biociências- Rio Claro, 2009.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, E.; FILHO, L. C.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TANI, G.; MANOEL, E. J.; KOKUBUN, E.; PROENÇA, J. E. **Educação Física Escolar Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, p.31 – 35, 2002.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

8 ANEXOS

Transcrição da entrevista sobre a concepção pedagógica do professor colaborador

Pesquisadora: Nós estamos na Unesp, no Laboratório LETPEF, hoje é dia treze do nove de dois mil e dez, agora são nove horas e vinte e seis minutos, vamos começar a gravação sobre a concepção pedagógica que o professor pesquisado, ééé, estudado, tem sobre a educação física.

1- Como você compreende a Educação Física de um modo geral?

Prof. Colaborador: Bem de modo geral né, ela ta em tudo né, tudo que a gente faz né, quando você deita na cama, quando você se levanta, quando você se alimenta, quando você deita na cama tem a questão postural, a questão da sua respiração, é quando você se levanta..., ta ligada a tudo né, quer dizer de um modo bem amplo, a Educação Física ela ta em tudo que a gente faz, né, EDUCAÇÃO FÍSICA, Educação do Físico, educação do corpo, consciência do corporal, ta em tudo e quanto mais consciência você tem do seu corpo, você aprende digamos a dominar seu corpo, é i.. conseqüentemente você tem uma qualidade de vida muito melhor né, acho que é isso.

2- E na escola como você a Educação Física?

Prof. Colaborador: Bem na escola, a Educação Física ela ta ligada né, é obvio né, ligada a todas as outras matérias e se houvesse possibilidade de ser feito um trabalho interdisciplinar né, dos professores, inclusive acredito que o espaço do HTPC poderia ser melhor utilizado né, porque nós que somos professores de Educação Física, esse ano por exemplo, todo é (...) todo o HTPC, a gente fica, fica girando em torno de Saesp a Educação Física não é contemplada no Saesp, quer dizer a gente fica meio que digamos jogados de lado, a gente acaba participando, porque a gente quer estar por dentro né, saber o que está acontecendo, a gora

fica tudo girando em torno do Saresp, que é o que, é o método de avaliação pelo qual vai ser definido o bônus do professor, então tá se pensando só no tal de bônus, do dinheiro né, é o desempenho do aluno igual ao dinheiro que o professor vai receber no ano seguinte, e a gente fica né jogado de lado, os, desde que eu comecei a fazer HTPC que eu não vejo assim um trabalho voltado para a área de Educação Física, deveria haver aquela interdisciplinaridade, agora aí também já passa pela falta de material adequado para você trabalhar, é(...) um tempo para os professores se sentarem e conversar né, eu, é difícil ter um tempo de sentar e conversar, professor de português lá, professor o que o senhor está fazendo? O quê que o senhor está trabalhando que eu possa trabalhar junto com meus alunos, ah tá trabalhando com leitura de texto, ah beleza então eu vou trabalhar com a leitura de texto aqui na área de Educação Física, e vamos fazer um trabalho em conjunto, matemática né, então quer dizer é difícil, eu, eu as vezes admito não sei se sou o único que tenho essa dificuldade, mas as vezes eu tenho dificuldade de falar, poxa vida, eu tenho dificuldade de lembrar da quinta e sexta série o que eu estava aprendendo, meu se eu trabalhar isso com os alunos será que eles não vai ser muito avançado? Por exemplo, quando eu vou trabalhar dimensão de uma quadra de vôlei, eu falo que ela é um retângulo né, eu vou falar para eles medir a área de uma quadra de vôlei pra mim, em metros quadrados, quanto tem uma quadra de vôlei. Eu falo bom, mais será que..., será que eles já aprenderam isso né, aquelas dúvidas que surgem assim as vezes, pô será que tá, eu tá colocando um conteúdo assim que é, assim que eu tá exigindo de mais deles ou eu tá passando um conteúdo aquém do que eles já sabem né, então e as vezes você chega na hora e puxa precisava conversar com o professor de matemática de história, é difícil até para gente se encontrar né, não tem aquela convivência né, o espaço do HTPC geralmente é sempre é dirigido, não dá tempo para gente conversar trocar idéia, há pouco interesse da parte de todos os professores de perguntar né o que você está fazendo né, é difícil, fica difícil é muito limitado o tempo, esse tempo de reunião devia ser melhor aproveitado, porque a Educação Física ela tá em tudo a gente poderia ajudar, ela poderia, aí sim poderia ter um trabalho de valorização né da nossa área né, porque esse negócio de rola bola, rola bola, é muito acho que porque de caso disso, dessa falta de interdisciplinaridade.

3-Na escola o que a Educação Física deve ensinar? Fale sobre seus objetivos e finalidades?

Professor Colaborador: Bem é (...), de minha parte, pela minha formação como pessoa, eu gosto muito de trabalhar a parte de qualidade de vida, é (...) parte do (...) conhecimento do

corpo, conhecimento anatômico do corpo, conhecimento fisiológico do corpo, se alimentar bem né, ter disciplina né, consciência corporal, eu gosto muito dessa área né, ai tem a parte de jogo eu gosto muito de jogar, agora eu como nunca fui uma pessoa muito competitiva, eu nunca fui muito de gostar de ficar competindo com os outros então digamos essa parte eu deixo até de segundo plano, eu adoro dar aulas de alongamento, gosto de dar aulas de falar sobre alimentação tipos de alimento é trabalhar a questão do (...), fisiológica anatômica né. Agora é muito forte a questão do esporte principalmente, principalmente do futebol né, então a(...), eu acho que a Educação Física na escola ela teria que ser voltada para a formação do cidadão né, do ser pleno né, aquela velha história ser pleno, que saiba competir, que saiba respeitar regras, que saiba olhar para si mesmo para dentro de si mesmo, e(...) compreender o que está se passando dentro do corpo, o quê que eu devo comer, é a(...), porque que eu devo comer isso, ser crítico né, na questão de se alimentar, na questão de se relacionar com as outras pessoas, então quer dizer formar um ser pleno mesmo, é (...) o sonho né, acho que de uma grande parte né, de profissionais de Educação Física, e trabalhar a questão de consciência corporal de valorizar é cada parte do seu corpo, valorizar, valorizar as pequenas coisas né que fazem uma diferença muito grande, são nas pequenas coisas que a gente faz as grandes, pegar cada pecinha assim e juntar, quer dizer, mas é bem complicado, mas eu acho que a Educação física devia na escola principalmente, ela devia, é que é um campo tão vasto né, a Educação Física é muito vasto, então quer dizer é difícil de delimitar, você fala é tanta coisa, que a gente chega as vezes a se perder no que vai fazer, poxa vida é tanta coisa de legal que você olha e você fala puxa vida podia fazer isso, podia fazer isso, podia fazer isso, meu você acaba tendo que contemplar um ou outro; agora é muito amplo, é um campo muito amplo.

4- Como você considera que chegou a essa concepção? Quais foram os fatores que contribuíram para você entender a Educação Física do modo que você entende hoje?

Professor Colaborador: Ah assim eu acho que a minha vivência né, tudo que eu passei até hoje, o modo como eu fui criado, eu criei esse habito de ler de, não só por parte de pai e mãe não, mas também por causa de namorada, sabe que pegava no meu pé, e falava que eu tinha que estudar, estudar, estudar, estudar, que eu tinha que levar livro para dentro do banheiro na hora que eu estava sentado no trono lá, e realmente isso pegou em mim, pegou, foi uma coisa que pegou, e eu tenho uma avidez por conhecimento sabe, to sempre buscando coisas novas,

buscando ler muito e entender, eu gosto disso, e eu acho que é bem aquilo a gente é o retrato de tudo que a gente passou né, eu acho que hoje um momento da minha vida, do que eu estou vivendo eu me aproximo mais dessa teoria, porque, é o momento que eu estou vivendo como pessoa né, um momento critico-superador, risos

5- Coloque em porcentagem, o total é cem por cento, o quanto os fatores a baixo influenciaram na constituição da sua concepção. Os fatores são:

Vivência como aluno, a sua formação no sentido acadêmico (das palestras, semanas de estudos, cursos); sua experiência no estágio ou alguma outra situação que envolvia essa relação de ensino; e o último fator a sua inserção no mercado de trabalho, a sua experiência prática como professor, não mais como aluno estagiário, ai de zero a cem, sendo o total de cem por cento, você tem que colocar o quanto esses fatores contribuíram.

Professor Colaborador: Silêncio para pensar e escrever as porcentagens nas folhas. Bem falando assim meio que na loca. Na vivência como aluno na escola, bem o que eu posso recordar de agora, eu era bem alienação e... faltava muito senso crítico para mim, eu era muito imaturo né, até terminar o segundo grau eu me senti muito imaturo, despreparado para a vida, então eu considero dez por cento, por que o que eu acho que eu absorvi foi meio no inconsciente, sabe coisa que passou batido e com o tempo foi fazendo sentido na minha cabeça, mas não dá para considerar muita coisa, se for olhar hoje com vinte e nove anos nas costas, meu é pouca coisa. E deixa eu ver, na formação, na experiência de estágio, trabalhos que envolveram processos de ensino, pouca coisa também né, eu acho que foi muito breve o tempo que eu fiz estágio, é... estágio de observação, estágio quando você trabalha com, com um ou dois professor junto não é a mesma coisa de você estar sozinho meu, então quer dizer eu acho muito pouco também né, tem o estágio de observação, depois tem o estágio de docência né, muitos dos alunos empurram coma barriga né, dá o seus pulos, aquela velha mania do brasileiro de fazer as coisas com aquela improvisada né, então eu considero pouco também né, muito pouco dez por cento, dez por cento a experiência como aluno, dez por cento a experiência de estágio e outros trabalhos que envolvem processos de ensino, trinta por cento a formação né, que digamos assim né, eu lia, gostava de ler bastante, convívio com outro professor, mas eu acho que eu não aproveitei o tanto que eu deveria aproveitar, e a experiência mais rica para mim então, eu dei trinta por cento para formação e a experiência mais, digo grã... não seria gratificante, mas a mais marcante né, significativa, a mais

significativa mais marcante é você com a mão na massa né meu, porque uma coisa é você pegar você quer ir em um determinado lugar você vai de carona, sentado do lado do motorista, outra coisa é você ir dirigindo, se vai sentado do lado do motorista você vai olhando a paisagem, você olha o bar que passa, olha a padaria, casa, chega lá você fala faz o caminho de novo, muitas vezes você não vai conseguir, agora quando você é o ator principal você que está dirigindo né você que está com a atenção né naquilo que você está fazendo ali, você aproveita muito mais, então você conduzindo dando aula ali, pô, você chega no primeiro dia ai meu Deus do céu o que, que eu estou fazendo aqui, que você olha aqueles quarenta moleques olhando para sua cara, fala Deus do céu eu to ferrado, não acredito que eu escolhi isso para minha vida, então o que conta para mim é o que ficou mais marcante né, o ... exercício docente né, que é mais marcante né. Que hoje eu falo assim eu digo que eu estou vivendo um momento de inquietação, mas eu sei que eu tenho bastante bala na agulha, porque eu estou me sentindo sub-aproveitado, sabe e pela minha característica como pessoa, todo mundo tem seus bloqueios né, eu também tenho os meus bloqueios, e tem umas coisa que estão me bloqueando, algumas é... verdades minhas, estão me bloqueando, para eu mudar o meu jeito de fazer, é... porque tem coisas que eu acredito ainda, que eu acredito e quando a gente acredita a gente quer ir até o fim né, até quebrar a cara e eu não quebrei a cara ainda, então tem coisas que eu estou acreditando e que estão me atrapalhando de eu mudar a minha forma de trabalhar, é que nem eu falei para você, essa questão de passar um vídeo para eles, saber que eu vou chegar lá montar né, puxar a televisão né chamar os alunos, por o vídeo e aquele monte de gente conversando, aquele monte de gente sem prestar atenção, então eu falo não vou por vídeo para eles, porque eu sei que eles não vão prestar atenção, entendeu, então é uma coisa que já me deixa daquele jeito, que nem o dia que a gente foi para o teatro lá, em Cordeiro lá, foi ver o filme, primeiro que não se conseguiu ver o filme lá, o Invictos lá do Nelson Mandela, porque me chegou nem na metade do filme aquela falação, moleque jogando um chicletes no outro, brincando com celular, ao... a vice diretora pediu para todo mundo vir embora, a gente veio embora antes da metade do filme e a baderna que eles fazem na rua, a baderna que eles fazem, eles não respeitam as pessoas de carro na rua, não respeitam as pessoas de bicicleta, tocando campainha, sabe é..., chutando lixo, então eu falei meu eu não pego essa molecada para ir no teatro ver uma peça, pra levar eles em um clube esportivo, porque eu não sei o que ai acontecer se eu estiver com essa turma na rua, então eu me limito a não ir, eu NÃO VOU, a gente quer diversificar mas não dá, eu falei eu NÃO VOU! Não vou me arriscar a isso, então acaba que eu vou me fechando e ai quer dizer vira um ciclo vicioso,

muitas vezes a aula deixa de ser mais prazerosa, por causa de determinadas limitações, que a gente fala poxa não quero ter essas determinadas dores de cabeça, mas é por ai, eu acho que a formação é a parte, a formação não o exercício docente é a parte mais valiosa né, que nem eu falei eu não me via saindo da graduação e já engatando um mestrado, eu falei eu sinto essa necessidade de cair no mundo primeiro, a gente sabe que fica tudo muito mais difícil depois para você voltar para a Universidade e fazer uma formação de mestrado e doutorado, mas você tem que viver meu, porque a gente pega esses livrinhos na mão ai, esse pessoal ai que nunca saiu de dentro da Universidade, não generalizando mais uma grande parte nunca saiu de dentro da Universidade, nunca pegou para dar uma aula em uma escola de periferia de quebrada para dar aula ai, e eles escrevem aquelas coisas e acha que vai dar tudo certo, que vai ficar tudo bonitinho, trabalhe rúgbi, carimbo né, trabalhe.... é hoque, vai ver lá a situação da escola do Estado, vai ver a situação dos alunos, vai ver a ..., o ambiente que esses alunos estão vivendo, como meu?vai cair no mundo, para você escrever um livro cai no mundo primeiro, vai ver como é que é, entendeu escrever um livro, uma apostila, cai no mundo primeiro bixo, a periferia de São Paulo será que tem carimbo lá, essas coisas é complicado meu, será que a gente dança carimbo? Eu não conheço carimbo, eu sei que é do Pará lá do Norte, mas eu não conheço carimbo, eu falo assim porque é dado né, mas então quando vem o livrinho ensinar o carimbo, venha também um cd para o professor, né , com vídeo do carimbo, falando a história do carimbo, é sei lá uma, roupa de carimbo, ensinado a fazer uma roupa de sucata do carimbo, como se veste o pessoal do carimbo, né, trazendo uma coisa atrativa não só o livrinho, ali vamos dançar carimbo! Não gente não é por ai, tem que vir o material adequado, bola de rúgbi, vir é.... material para a gente fazer uma alua de hip hop, tem que vir as coisas adequadas, não adianta jogar assim para gente, ah faz ai se vira ai, a gente não é circo de Solei não bixo, aqui a gente, a pegada é outra, então a gente, quer dizer tem que cair no mundão, cair no mundão para depois voltar para o mestrado e... eu acho que até a tese depois que você acaba fazendo, aquela dissertação que você faz acaba se tornando muito mais rica né, por uma coisa é o que está no livro outra coisa é o mundo, não tem o que discutir.

6- Você considera que sua prática pedagógica está coerente com a sua concepção sobre a Educação Física?

Professor Colaborador: silêncio, atualmente não, atualmente eu acredito que a minha prática pedagógica não está de acordo com minha percepção, mas como eu disse é o momento que eu estou vivendo né, mas não está adequado com que eu gostaria, de estar fazendo né. Eu estou

improvisando, né i..., eu acho que eu perdi um pouco o fio da meada, e estou com uma certa dificuldade de voltar no eixo, que eu estava né, bom inclusive porque eu trabalhei nos últimos quatro anos, eu não sei se, eu acho até que deve ser uma situação normal, claro que isso não acontece só comigo né, he he he he he (risos), seis milhões de pessoas e só acontece comigo, mas eu to vivendo um momento assim de, desestabilização, né mas eu quero voltar, principalmente por que, hoje eu acho que eu tenho isso até mais forte, do que eu tinha, essa questão da..., questão de ...trabalhar a qualidade de vida né, a cultura de movimento, mas foi um conjunto de fatores que acabou me atrapalhando mas eu, hoje eu acho que a minha concepção, o que eu faço não está de acordo com minha concepção, com a concepção que eu tenho não está batendo.

7- O que você está fazendo para superar isso? Como você está buscando solucionar essa situação?

Professor Colaborador: Eu to lendo bastante, é..., to tentando mudar determinados hábitos meus, e tentar mudar, tentado mudar determinados conceitos que estão aqui dentro da minha cabeça também, é que é uma luta árdua também, como eu disse né, cada um tem a sua verdade eu acredito em várias coisas e tenho tido dificuldade de mudar algumas formas de pensar minhas né, e também to tentando montar né o meu esquema né o meu plano de ensino pro ano que vem, foi coisa que eu não fiz, como eu já até comentei com você, eu nunca consegui passar do terceiro mês montando plano, depois é sempre aquela coisa né, vai montando uma aula, a aula digamos é na terça você monta na segunda a tarde, na segunda a noite, para dar na terça, e ai não é legal, e eu assim, na minha concepção não acho legal, tem..., claro tem bastante gente que consegue né, tem gente que consegue chegar na hora e fazer uma tremenda de uma aula, eu não tenho essa habilidade, e só que também faltou por uma série de outros fatores, também de tempo né, de falta de tempo né as vezes, sentar e ficar a vontade para fazer né, e também um pouco de empenho né de pegar e já montar, tentar definir aquilo e fazer de cabo a rabo, para ficar mais tranqüilo como eu disse né, dez em quando você vai lá tira uma coisinha aqui, acrescenta uma coisinha ali, mas você já tem o esqueleto pronto, você tem a estrutura pronta para você trabalhar, porque te dá muito mais segurança né, para você poder trabalhar, depois você só vai fazendo as suas correçõesinhas ali então seu estou tentando dessa maneira. Eu já estou tentando pegar quinta série no primeiro dia de aula, o que eu vou dar no primeiro dia de aula, ah apresentação professor alunos, cada um fala o seu nome, fala o esporte que gosta né, eu já por exemplo, eu sou o tipo do cara que não gosto de

chegar no primeiro dia de aula e fazer dinâmica com o aluno, eu acho que é uma coisa muito manjado que há há (risos), vão ver isso sua vida inteira, então eu já quero chegar perguntando qual é o nome de cada uma já pá, falar meu nome, isso, isso, isso, vai ser desse jeito, o programa vai ser assim, né o montar o funcionamento, eu trabalho dessa maneira, aqui vai ser aula teórica, aqui vai ser aula prática, aqui vai ser as mulheres, aqui eu vou dar aula prática e aqui os homens escolhem ta, ta, por mim vai funcionar desse jeito beleza moçada? Então vamos embora, livrinho ai página cinco vamos começar. Ah fessor! Vamo embora, que hoje oh é aula do livrinho vamos começar. Esse negócio de ficar, né, eu percebi que não é muito comigo, eu sou meio prático né, e eu já quero começar metendo o pau, eu quero tentar, o que aconteceu, eu fui permissível em determinados momentos esse ano, quebrando o galho de aluno, até porque eu estava meio cansado desgastado também né, aquela própria convivência aquela coisa de ficar chamando a atenção toda hora isso é bem desagradável para mim eu não gosto muito não, então é eu fui permissível alguns momentos por ta com o saco cheio, e eu perdi um pouco o ... o fio da meada das coisas que eu estava fazendo né, apesar de ter uma coisa que eu já acredito né, uma coisa que eu fazia, eu deixei brechas, para os alunos...

Pesquisadora: como eles são espertos eles aproveitaram.

Professor Colaborador: é são, os danadinhos aproveitaram, entendeu, e eu perdi o controle, entendeu em alguns momentos e ai surgiu, juntou com essa coisa de... disciplina, e mais outras coisas eu vi que eu acabei perdendo mesmo, mas o ano que vem eu não vou, vai ser bem diferente isso ai eu já tenho certeza e inclusive eu to correndo atrás de uns vidíozinhos no You Tube, uma série de coisas né, eu vou mudar de escola né, provavelmente o ano que vem eu vou estar em Rio Claro, então eu, eu não fui ainda mais eu quero ir na escola, ver todas as possibilidades que eu tenho de trabalhar, onde que é a sala de vídeo, na biblioteca, o que tem de Educação Física na Biblioteca, ah então tem isso, isso e isso legal, dá para vir com eles aqui um dia pegar esse livros dar um lida e fazer um trabalho, na quadra o precisa fazer na quadra, ah o que precisa fazer no campo aqui, tem rede, o que que ta faltando o que precisa comprar, já preparar tudo antes né ter o domínio do que você está fazendo né, você conhecer todas as possibilidades que você tem dentro da escola, dentro e fora no entorno, né como tem a unesp do lado da escola aqui que eu vou trabalhar, conhecer todas as possibilidades, será que tem algum amigo meu que eu possa chamar para dar uma palestra e falar para eles de futebol, falar para eles de basquete, falar para eles de um assunto que eles gostam, dá para

fazer uma oficina de alguma coisa, entendeu então criar todas as possibilidades antes de chegar e meu fazer o trabalho super bem feito, é a hora da virada.

Pesquisadora- A entrevista se encerra aqui. Obrigada.

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE)
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96)**

Convido o Senhor a participar de uma pesquisa destinada a elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso. A pesquisa tem a intenção de verificar como você compreende a Educação Física Escolar e também tem a intenção de observar suas aulas. Você pode desistir de participar em qualquer momento da pesquisa sem sofrer algum dano por isso, e sua identidade ficará em sigilo, assim como os dados confidenciais. A pesquisa tem como objetivos identificar sua concepção sobre a Educação Física, identificar quais foram os fatores determinantes para se chegar a essa concepção e verificar se a sua prática pedagógica condiz com seu discurso. A pesquisa pode auxiliar na conscientização de sua prática profissional, uma vez que as perguntas realizadas na entrevista exigirão uma reflexão, podendo melhorar sua atuação como professor. Serão realizadas três entrevistas com o objetivo de entender a relação de sua vida com a Educação Física, também observarei suas aulas com a intenção de identificar se seu discurso é coerente com a sua prática. A minha presença observando as suas aulas, pode inibir tanto o senhor como seus alunos, deste modo pretendo ser o mais discreta possível para amenizar essas situações. Entre os benefícios ressalto a oportunidade do senhor refletir sobre sua vida pessoal e profissional, a experiência de ser observado, além de ser o foco central de um trabalho.

Eu -----RG -----, residente na -----, na cidade de -----, telefone () ----- aceito participar dessa pesquisa.

Título do Projeto: A concepção pedagógica de um professor de Educação Física Escolar: a história de vida como meio de compreensão.

Pesquisador Responsável: Suraya Cristina Darido

Cargo/função: Livre- Docência

Instituição: Universidade Estadual Paulista- “Júlio de Mesquita Filho”- Instituto de Biociências- Departamento de Educação Física- UNESP- Rio Claro.

Endereço: Av. 24-A_nº 1515, Bela Vista, cep.13506-748 - Rio Claro, SP – Brasil.

Dados para Contato: (19) 35264353 e-mail: surayacd@rc.unesp.br

Aluno/Pesquisador: Amanda Gabriele Milani

Instituição: Universidade Estadual Paulista- “Júlio de Mesquita Filho”- Instituto de Biociências- Unesp – Rio Claro.

Endereço: Av. 2-A, nº 1134

Dados para Contato: fone(16) 8121-2916, (19)3532-1934 e-mail: manditasgm@hotmail.com

Prof^a Dr^a: Surya Cristina Darido

Orientadora

Amanda Gabriele Milani

graduanda